



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS:
QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE

Da nomeação às práticas de
prostituição: um olhar sobre
travestis e transexuais a partir de
artigos encontrados na *SciELO*

Mestranda: Indira Saad Brum

Orientadora: Prof. Dra. Méri Rosane Santos da Silva

Agosto, 2014

Indira Saad Brum

Da nomeação às práticas de prostituição: um olhar sobre travestis e transexuais a partir de artigos científicos encontrados na *Scielo*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências: química da vida e saúde, Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientação: Prof^a Dra. Méri Rosane Santos da Silva

Rio Grande
2014

Agradecimentos

Em vias de finalizar esse processo, penso que nesse espaço cabe citar aqueles que para mim, são coautores desse estudo e sem os quais eu não teria conseguido trilhar esse árduo caminho.

Início agradecendo aos meus pais, que com amor, me ensinaram importantes valores os quais levarei para a vida. Minha mãe, Luciana, especialmente, por estar sempre ao meu lado e não medir esforços para aliviar minhas dores, diminuir as dificuldades e dividir as alegrias das conquistas. Ao meu pai, Ary, que mesmo não estando entre nós para testemunhar esse momento, deixou aqui um legado que me servirá eternamente de inspiração. Agradeço ainda, ao meu irmão, Ary, exemplo de persistência e coragem, permanente incentivador dos meus estudos e em que eu me espelho diariamente.

Agradeço a minha família, por fazer de mim um exemplo de quem eles podem se orgulhar. As amigas de sempre, quase irmãs, Renata, Letícia, Catharina, Lorena e também a tod@s outr@s que de alguma forma participaram desse processo.

Ao GAPA-RG, que me permitiu o encontro com as questões relacionadas à prostituição pela minha chefe Ana Luíza e a minha prima Rosana Saad.

Agradeço a família E.M.E.I Castelo Branco, especialmente as minhas, Josiane, Viviane, Miriam, Cristiane e Luciane, por compreenderem a minha dupla jornada e sempre acreditarem no meu potencial enquanto professora e pesquisadora.

Ao meu “ori” e amigo, Gustavo, por suscitar em mim a vontade de continuar estudando e por acreditar, desde o começo da graduação, que eu poderia alçar voos cada vez mais altos.

À minha orientadora Méri, que com carinho, paciência e alguns sustos, construiu comigo essa dissertação.

Aos meus colegas do grupo de pesquisa, por lançarem dúvidas, mas principalmente, por me ajudarem a pensar como poderia respondê-las.

À Universidade Federal do Rio Grande – FURG por nesses treze anos entre graduações e pós-graduações, proporcionar importantes aprendizagens, que se encontram para além do campo profissional.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, pela acolhida, concessões e experiências proporcionadas.

Resumo

A escrita que apresentamos teve início a partir de um movimento de pesquisa que pretendia acessar travestis que se prostituíam. Nessa busca por elas, um novo elemento se colocou como potente para esse estudo. Referimo-nos a nomeação, visto que, ao procurar travestis, encontramos transexuais que exerciam a prostituição. Muitas foram as dificuldades em acessá-las, por isso, optamos em realizar uma pesquisa bibliográfica, que teve por objetivo localizar como travestis e transexuais vêm sendo nomeadas e ainda, analisar a constituição da prostituição entre esses sujeitos, ambos discutidos a partir de artigos científicos disponibilizados na biblioteca eletrônica *Scielo*. Entendemos que um processo de investigação, a partir da ciência, enquanto legitimadora de saberes, ainda que não seja a única, iria ao encontro da proposta do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, na linha de pesquisa “Educação Científica: Implicações das práticas científicas na Construção dos Sujeitos”. Consideramos que mais do que descrever, a ciência constrói os objetos e as práticas de que fala, interpela os sujeitos que orientam suas ações a partir desses saberes ou, os renunciam. Para a produção e análise dos dados, além da pesquisa bibliográfica, buscamos inspiração na análise de conteúdo, de onde, após as leituras de 70 artigos, emergiram duas linhas de análise baseadas nas recorrências, a partir de elementos que neles encontramos: uma que trata dos elementos que operam a distinção entre os termos; e a outra que observa os efeitos da prostituição entre travestis e transexuais. O movimento de pesquisa demonstrou o quanto estão implicados os processos de nomeação e prostituição de travestis e transexuais. Ainda que os tenhamos organizado em linhas de análise, ousamos dizer, que eles não acontecem dessa forma, separadamente.

Palavras-Chave: Nomeação; prostituição; travestis; transexuais.

Abstract

The writing that we present was started from a research movement which intended to reach the transvestites who were prostituting themselves. In this search for them, a new element placed itself such as potent for this study. We refer to the nomination, whereas, at the looking for transvestites, we found transsexuals which were exercising the prostitution. Many were the difficulties in accessing them, so we choose realizing a bibliographic research, which aimed locate how prostitutes and transsexuals are being named and further analyze the prostitution constitution between subjects, both discussed from the scientific articles available in the electronic library Scielo. We understand that a process of investigation based in science as knowledge legitimating, though not the unique, would confirm the proposal of the Post-graduation Program in Science Education, in the research line “Education in Science : implications of the scientific practices in Formation of Subjects ”. We considered that more than describe, the science builds the objects and the speeches practices, affects the subjects who orientate their own actions based on these knowledges, or renounce them. For this production and analysis of data, besides de bibliographic research, we looked for inspiration in the content analysis, from where, after the reading of the 70 articles, has emerged two analysis lines based in the recurrence from the elements we’ve found in them: one treats about the elements that operate the distinction between terms; and the other that observes the effects of prostitution in transvestites and transsexuals. The research movement demonstrated how are implicated the processes of nomination and prostitution of transvestite and transsexuals. Even if we have organized in analysis lines, we dare say they don’t happen this way, separately.

Key-Words: Nomination, prostitution, transvestites, transsexuals

SUMÁRIO

1. Uma prostituição estudada	08
2. Procedimentos Metodológicos	16
3. Da nomeação às práticas de prostituição	23
4. Palavras quase finais	45
5. Referências	52
6. Anexos	56



1. Uma prostituição estudada

1. Uma prostituição estudada

A escrita que aqui discorreremos reflete os movimentos de pesquisa a que estamos nos dedicando e resulta de uma trajetória de investimentos iniciados na Graduação em Educação Física–Licenciatura. Naquele momento acadêmico e respondendo à demanda de um Trabalho de Conclusão de Curso, tornou-se possível promover o encontro entre as experiências que vinha vivenciando no âmbito profissional e a temática sobre a qual pretendíamos investir. Entendemos que talvez seja importante situá-los nas escolhas que viemos fazendo, como um caminho, que indique de onde viemos e, para onde intencionamos ir.

A experiência profissional a qual me refiro teve início no ano de 2002 (dois mil e dois) ao ingressar como estagiária do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) em um projeto de geração de renda, destinado a mulheres soropositivas¹, desenvolvido pelo Grupo de Apoio à Prevenção da Aids – Rio Grande (GAPA-RG). O GAPA-RG é uma Organização Não-Governamental (ONG) que trabalha através de repasses do Ministério da Saúde em projetos² de prevenção às DST/HIV/Aids e Drogas.

As ações de prevenção desenvolvidas pelo GAPA-RG contemplavam diferentes grupos³. Foi, especificamente, no Projeto Meninas(os) nas Esquinas que se deu uma maior aproximação com pessoas que se prostituíam e suas práticas. As atividades nele propostas permitiram olhar para as temáticas as quais, posteriormente, desenvolveria no espaço acadêmico. Para o Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física

¹ O Projeto Instruir para Incluir tinha como público-alvo mulheres soropositivas impossibilitadas de trabalharem formalmente em função do tratamento. Eram oportunizadas diferentes oficinas de geração de renda como alternativa de desenvolverem um trabalho autônomo. Muitas dessas mulheres não tinham com quem deixar seus filhos, por isso, viu-se a necessidade de uma recreacionista.

² Nos termos do último edital lançado pela Secretaria de Estado da Saúde do Rio Grande do Sul, interessam projetos voltados ao desenvolvimento de ações de promoção da saúde e prevenção de DST/HIV/Aids dirigidas à população em geral, às Pessoas Vivendo com HIV e Aids – PVHA e aos grupos mais vulneráveis. As áreas temáticas de atuação são: Aids, Direitos Humanos e Religiões; Drogas e Aids; População LGBT; Promoção à Saúde e Prevenção de DST/HIV/Aids na Atenção Básica. Disponível em: <http://www.saude.rs.gov.br/conteudo/422/?DST%2FAids>. Acesso em: 08 abr. 2014.

³ Algumas referências: trabalhadores de empresas, adolescentes, caminhoneiros, usuários de drogas, profissionais do sexo, pescadores, mulheres pescadoras, apenados da Penitenciária Estadual de Rio Grande, mulheres soropositivas etc.

propusemos uma análise das práticas que constituem os corpos prostituídos das mulheres profissionais do sexo.

Posteriormente, na especialização em Educação Física Escolar, tivemos como objetivo entender como a prática de prostituição de homens vêm sendo produzida por estudos publicados nas bases de dados científicas brasileiras. Nossas fontes de investigação foram produções publicadas na biblioteca eletrônica *Scielo* e no *Portal Domínio Público*, biblioteca digital desenvolvida em software livre.

No projeto inicial do mestrado mantivemos o interesse pela prostituição, mas, naquele momento, intencionávamos um encontro com as travestis, a fim de investigar como seus corpos se constituíam para o exercício da prática.

A partir de alguns contatos estabelecidos através do GAPA-RG e ainda em conversas informais com um membro da Associação de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais de Rio Grande da cidade, demos início a nossa busca. Nesse período, estabelecemos prazos e elegemos alternativas, caso não conseguíssemos entrevistá-las, panorama que acabou se confirmando em função das dificuldades que se apresentaram.

Contudo, nesse movimento de busca pelas travestis, nos encontramos com um aspecto que pareceu ser potente para agregarmos à pesquisa, já que diante dele, nos inquietamos e sentimo-nos desafiados. Estamos nos referindo a uma questão que diz respeito à nomeação. Procurávamos por travestis que se prostituíam e chamá-las assim não nos causava estranhamento algum. A princípio, sabíamos quem elas eram e podíamos, inclusive, reconhecê-las. Essa certeza provinha de um conhecimento naturalizado, construído ao longo dos anos de experiência profissional no GAPA-RG. Aquelas a quem chamávamos de travestis frequentavam a instituição, ora montadas⁴, ora quase masculinizadas, sem maquiagem, barba por fazer, roupas largas e pouco *glamour*, à luz do dia.

Entretanto, o campo apontou para uma nomeação que divergia daquela por nós utilizada. Em conversa informal com quem acreditávamos ser uma travesti, fomos

⁴ Segundo o bajubá - dialeto que tem origem em línguas africanas, originalmente utilizado por travestis e que, progressivamente, vem popularizando-se entre LGBTs no Brasil - a expressão significa travestida. Disponível em: <http://jovemgay.com/jovemgay/dicionario.asp?id=m>. Acesso em: 06 jun. 2014.

alertados para o fato de que estávamos diante de uma transexual. Para nós, transexual seriam àquelas que já teriam se submetido à intervenção cirúrgica que tem como resultado a mudança de sexo. Ela, então, nos explicou que travesti é aquela que se produz como mulher somente para trabalhar, que transexual é aquela que assume características femininas permanentemente e àquelas que passaram pelo processo transgenitalizador são mulheres.

Nesse momento, foram como se as certezas das quais havíamos partido tivessem sido questionadas, e foram. Nossa busca, então, já não contemplava os sujeitos os quais nos propusemos a encontrar e, por isso, vimos à necessidade de ampliarmos a pesquisa. Se, inicialmente, procurávamos por travestis que se prostituíam, agregamos, nesse momento, as transexuais. O conflito a que fomos expostos no campo, também apareceu em sites e blogs de prostituição. Ao olharmos o conteúdo dessas páginas foi possível perceber que nos anúncios individuais elas nomeavam-se como transexuais, ainda que a nossa procura tenha partido do termo travesti.

Esses encontros acabaram por potencializar algumas problematizações sobre o tema. Entretanto, as dificuldades⁵ que se colocaram em agendarmos as entrevistas nos levaram a optar, nesse momento, por concentrarmos nossas atenções nas produções científicas.

As privilegiamos, por considerarmos que a ciência, dado o campo epistemológico em que estamos inseridos, constitui-se enquanto legitimadora de saberes. Esse entendimento, consolidado na modernidade, a atribui valores universais e absolutos, produzidos a partir da observação e da experimentação, atitudes imprescindíveis para chegarmos à verdade. Como um modelo totalitário, a ciência nega a racionalidade a todas as formas de conhecimento que não estejam alicerçadas por seus princípios epistemológicos e regras metodológicas (SANTOS, 2001). Nas palavras de Henning (2007):

A verdade apresenta-se como reflexo do real, é especulativa, mimética, uma imagem que está pronta para ser descoberta. Um conhecimento como representação do real, rejeitando a metafísica, negando os saberes filosóficos, elegendo uma unidade da ciência, um único método capaz de produzir os verdadeiros conhecimentos: o método científico (p. 172).

⁵ Podemos citar, a falta de retorno, os compromissos em concursos e eventos, como a Parada Gay do município e o aparente desinteresse em externarem como são agenciadas e consumadas suas práticas de prostituição.

Mesmo que a contemporaneidade tenha levantado suspeitas no que tange às certezas advindas da ciência, a consideramos um potente meio de produção do conhecimento, ainda que não seja único. Como tal, entendemos que mais do que descrever, ela constrói os objetos e as práticas de que fala, interpela os sujeitos que orientam suas ações a partir desses saberes ou, os renunciam.

Encontramo-nos, ainda, num Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, na linha de pesquisa “Educação Científica: Implicações das práticas científicas na Construção dos Sujeitos” e, com isso, pretendemos o desenvolvimento de um processo de investigação que propõe, a partir da ciência, enquanto legitimadora de saberes, localizar como travestis e transexuais vêm sendo nomeadas e, a seguir, analisar a constituição da prostituição entre essas.

Pensada nossa linha de ação, fazia-se necessário identificar nossas fontes. Optamos pelas bases de dados científicas por reunirem e permitirem o acesso a produções como artigos provenientes de periódicos científicos, trabalhos apresentados em congressos, teses, livros etc. A partir delas, realizaríamos um levantamento bibliográfico preliminar, que, segundo Gil (2010), “pode ser entendido como um estudo exploratório, posto que tem a finalidade de proporcionar a familiaridade do aluno com a área de estudo na qual está interessado, bem como sua delimitação” (p.46).

Entre as bases de dados científicas disponíveis, escolhemos a biblioteca digital *SciELO* e o *Portal Domínio Público* por considerarmos algumas questões, como: a experiência com ambas, já que as usamos em estudo anterior, o encontro com produções de diferentes áreas do conhecimento, a oferta de artigos completos para *download*, acesso facilitado às produções e, ainda, conteúdos confiáveis, no que diz respeito ao caráter científico.

Buscávamos, nesse momento, o encontro com publicações de ampla circulação, disponíveis em espaços virtuais democráticos, passíveis de serem consultadas por todos os quais se interessem. Esse critério acabou por excluir a base de dados da Capes desse processo, visto que para acessá-la se faz necessário um vínculo institucional. Feito isso, precisávamos instituir um termo de busca que pudesse contemplar travestis e transexuais. Optamos por utilizar somente “prostituição”. Entendemos que tal termo seria capaz de recorrer em produções sobre a prática e, também, apontar para os sujeitos

nela envolvidos. Interessava-nos, especificamente, produções que tratassem da prostituição de travestis e transexuais. Entretanto, nos resultados obtidos não foram encontradas produções acerca da prostituição transexual, essa prática apareceu, exclusivamente, vinculada as travestis.

Essa ausência e a impossibilidade de realizarmos as entrevistas – o que nos aproximaria da dinâmica da prostituição e nos ajudaria a entender como essa questão da nomeação é operada no cotidiano destes sujeitos – conforme argumentado anteriormente, lançou-nos a algumas indagações que imaginamos ser potentes para o nosso estudo, tais como: quem vem sendo nomeada como travesti? Quem vem sendo nomeada como transexual? Quais referenciais estão sendo utilizados para anunciá-las dessa forma? O que as difere? Como as transexuais vêm sendo constituídas pelas produções científicas a ponto de não aparecerem nelas no tocante à prostituição? As condições para que sejam nomeadas travestis e transexuais são alteradas quando olhamos para o universo da prostituição particularmente?

Esses conflitos e questionamentos foram disparados a partir da busca por travestis que se prostituíam e o encontro com transexuais, que assim se anunciavam, pessoalmente e também em sites e blogs. A divergência, no que diz respeito à nomeação provocou um deslocamento em nosso movimento de pesquisa, num investimento que, no nosso entendimento é concomitante à questão da prostituição.

Teem como as mulheres a paixão da toilette, dos enfeites, das cores vistosas, das rendas, das jóias, dos perfumes. Trazem sempre consigo um arsenal particular, espelho, pente, alfinete, vidros de sal e de perfume, caixa de pó de arroz, leque. São de uma verbiage insuportável. Depilam-se cuidadosamente. Um de seus maiores prazeres é vestir-se como mulheres, com flores, grinaldas no cabellos (VIVEIROS DE CASTRO apud GOMES, 2003, p.23).

O excerto acima funciona como anúncio dos contornos da escrita a que estamos nos dedicando. Viemos investindo numa construção de sentidos para o ser travesti e transexual, que não são aleatórios e nem descontextualizados. Por isso, importa-nos pontuar onde estamos nesse momento, quais escolhas estão nele implicadas, a forma como operamos esse movimento e as condições que nos possibilitaram discorrer essa escrita.

Confusos e desconfiados se existem fronteiras entre travestis e transexuais para além dos saberes médicos, provocávamo-nos a encontrar aportes com os quais pudéssemos dialogar acerca das dúvidas que se colocavam diante de nós, enquanto pesquisadores. Entre nossas buscas e achados, demarcamos os objetivos desse estudo que pretende, primeiramente, **localizar como travestis e transexuais vêm sendo nomeadas, para, então, analisar a constituição da prostituição entre esses sujeitos, ambos discutidos a partir de artigos científicos disponibilizados na biblioteca eletrônica Scielo.**

Ainda sobre os saberes científicos, Henning (2007) pontua que, "são produzidos buscando explicar, prever e, se possível, controlar a natureza e, assim sendo, são tidos como universais, a-temporais e a-históricos" (p.168). Entendemos a ciência como legitimadora de verdades e a tomamos aqui como uma forma de produzirmos conhecimento, ainda que ela não seja única. Contudo, não intencionamos, aqui, promover uma hierarquização dos saberes. Nesse momento, olhando para os nossos objetivos e considerando os encontros e reflexões que nos foram possibilitados, organizamos a escrita, demonstrando as disputas presentes nesse campo, as relações de tensionamento, as faces do ser travesti e transexual, as condições em que são nomeadas e a constituição da prostituição nesse contexto.

As discussões sobre travestis e transexuais a que somos expostas em nossas leituras são marcadas, principalmente, pelas questões do corpo. Leite Jr. (2011) pontua que nesse campo "o 'capital corporal' talvez seja a moeda de maior valor" (p. 27). No decorrer do movimento de pesquisa fomos entendendo que, seja na nomeação ou na prostituição, o corpo é evidenciado enquanto protagonista desses processos. Essas e outras percepções serão elencadas no que convencionamos chamar de linhas de análise. Investimos em tal organização numa tentativa de responder aos nossos objetivos, demonstrando os encontros promovidos por nosso corpus de análise, postos em diálogo com os autores que produziram a esse respeito e os quais fomos utilizando enquanto referências para esse estudo.

Para cumprir o objetivo deste investimento de pesquisa, optamos por organizar essa dissertação a partir da escrita de quatro partes, sendo a primeira delas esta que nos encontramos, onde buscamos aproximar o leitor da experiência como pesquisadora dos estudos sobre a prostituição e, neste caso, de travestis e transexuais e ainda, das escolhas

que fomos fazendo. Na segunda parte, procuramos descrever os procedimentos metodológicos que nos auxiliaram a empreender tal processo investigativo, focando-se especificamente no relato das práticas que envolvem uma pesquisa bibliográfica.

Na terceira parte deste trabalho, inspirados pela atmosfera transgressora que envolve não só a prostituição, mas também os sujeitos que nos dedicamos a estudar – as travestis e transexuais -, optamos por romper ou fazer um desvio daquilo que normalmente se efetiva em termos de um relatório de pesquisa, materializado em uma dissertação, ou seja, ao invés de apresentar ou dividir o texto em dois momentos: o primeiro, em que se realiza uma “revisão teórica” e, o outro, em que se “analisa os dados”; operamos com os autores e seus estudos conforme os dados se apresentaram e a partir daquilo que eles nos exigiram. Assim, os conceitos, os autores e as análises foram acionados, conforme delineamos nossos achados e realizamos nossas escolhas investigativas.

Por fim, na quarta parte deste texto, trago algumas conclusões, bem como possibilidades futuras de estudos, que não foram abordados pelos limites que o tempo de um processo de mestrado estabelece, bem como pelo fato que tal empreendimento exigiria outros elementos analíticos e novos investimentos metodológicos.



2. Procedimientos Metodológicos

2. Procedimentos Metodológicos

O estudo apresentado caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, que se inspirou nas ferramentas de análise utilizadas pela análise de conteúdo para organizar as linhas que se seguem. Pensamos que os pressupostos que estão contemplados na pesquisa bibliográfica enquanto procedimento metodológico dariam conta de responder aos nossos objetivos, por possibilitarem ao processo,

[...] um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto (GIL, apud LIMA; MIOTO, 2007, p.38).

Lima e Miotto (2007) apresentam três (03) passos para a realização de uma pesquisa dessa natureza e em cada um deles tem-se uma sequência de critérios fundamentais a esse processo. São eles: a exposição do método, a construção do desenho metodológico e a escolha dos procedimentos - dispostos em quatro etapas⁶, orientados por critérios⁷ e leituras⁸, específicas a cada momento da pesquisa - e, finalmente, a apresentação do percurso de pesquisa - norteado pelo detalhamento da investigação das soluções, a análise explicativa das soluções e a síntese integradora das soluções (SALVADOR, apud LIMA; MIOTO, 2007).

Além disso, orientamo-nos a partir da Análise de Conteúdo ao considerarmos as convergências, mas também as singularidades presentes em cada um dos artigos. Em linhas gerais, esta estratégia de análise dos dados produzidos apresenta três (3)

⁶ Elaboração do projeto de pesquisa; Investigação das soluções; Análise explicativa das soluções; Síntese integradora (SALVADOR apud LIMA; MIOTO, 2007).

⁷ Segundo Lima e Miotto (2007), eles servem para delimitar o universo do estudo, orientando a seleção do material e para tal, se faz necessário definir: o parâmetro temático, o parâmetro linguístico, as principais fontes, o parâmetro cronológico.

⁸ Salvador (apud LIMA; MIOTO, 2007) indica a existência de leituras para cada momento da pesquisa, são elas: leitura de reconhecimento do material bibliográfico, leitura exploratória, leitura seletiva, leitura reflexiva ou crítica, leitura interpretativa. Gil (2010), também apresenta uma classificação para os tipos de leitura que, minimamente, diverge das elencadas acima, são elas: leitura exploratória, leitura seletiva, leitura analítica, leitura interpretativa.

momentos. Gomes (2012) considera análise e interpretação como dois deles, acrescentando o processo de descrição a partir de Wolcott (apud GOMES, 2012).

Descrição, análise e interpretação pautam-se por diferenças conceituais. A primeira, como o próprio termo propõe, consiste na descrição das informações da forma mais fiel possível. A segunda demonstra um deslocamento, numa decomposição dos dados e busca de relações entre eles. Por último, temos a interpretação, que é a busca por sentidos, seja nas falas ou ações, com vistas a chegar a uma compreensão, que está para além do que foi descrito e analisado. Pontuamos, ainda, que análise e interpretação acontecem no decorrer de todo processo e que os resultados encontrados articular-se-ão aos objetivos da pesquisa e a sua fundamentação teórica (GOMES, 2012). Nessa perspectiva, constituímos nossa síntese integradora. Apesar de não estabelecermos categorias, organizamo-nos em linhas de análise que foram pensadas e demarcadas após o processo de leitura de todos os artigos.

Entendemos a importância de indicarmos quais pressupostos orientaram as nossas buscas e análises. Entretanto, optamos por não discorrer sobre o que cabe a cada um deles. Preferimos demonstrar como operamos a pesquisa bibliográfica até chegarmos às linhas de análise, num esforço em sermos fiéis a cada um dos passos e critérios que a caracterizam.

Com os objetivos definidos e sabendo onde localizaríamos nossas fontes, voltamos às bases de dados, pois, como mencionado anteriormente, nosso levantamento bibliográfico preliminar não obteve resultados para a prostituição transexual. Nesse momento, precisávamos eleger quais termos seriam usados nessa nova busca. Entendemos que a forma como os sujeitos são identificados poderia ser um elemento interessante ao nosso estudo, no que tange às questões da nomeação e também da prostituição. Apostamos na busca a partir dos termos “travesti”, “travestis”, “transexual”, “transexuais”, “transsexual⁹”, “transsexuais”, em produções publicadas até o mês de julho de 2013. Em cada uma das bases de dados, utilizamos diferentes formas de busca, levando em consideração nossos interesses e a configuração individual dessas. Na biblioteca eletrônica *Scielo*, realizamos a pesquisa em artigos, no campo "todos os índices". No *Portal Domínio Público* procuramos teses e dissertações que continham esses termos nos campos: "títulos" e "palavras chaves".

⁹ Utilizamos as duas grafias, pois constatamos que ambas são empregadas, o que poderia ampliar o número de resultados.

As bases de dados pesquisadas totalizaram cento e oitenta e uma (181) produções. Cento e vinte e seis (126) foram provenientes da biblioteca eletrônica *Scielo* e cinquenta e cinco (55) do *Portal Domínio Público*. O termo “travestis” apresentou o maior número de resultados, num total de sessenta e um (61). O seu singular “travesti”, apresentou o segundo maior número, com quarenta e oito (48) produções. Enquanto os termos “transsexual” e “transsexuais” foram os que menos recorreram: o primeiro com dezesseis (16) e o segundo sem resultados.

Diante do número total, sentimos a necessidade de realizarmos uma triagem do material, estabelecendo, então, filtros mais específicos. Primeiramente, selecionamos somente àquelas que estavam em português, o que significou a exclusão de oito (08) produções¹⁰, totalizando cento e setenta e três (173). Numa segunda triagem foram descartadas as produções que se repetiam. Para isso, utilizamos como critério a combinação entre os termos, ou seja, quando uma mesma produção fosse encontrada em dois ou mais termos de busca, optamos por não vinculá-la apenas a um deles, mas aos termos combinados. Esse movimento excluiu setenta e uma (71) produções, pois somente as inéditas foram contabilizadas, com isso resultamos em cento e duas (102). A tabela abaixo apresenta as produções que são exclusivas a cada um dos termos e também àquelas que aparecem repetidas entre os termos combinados.

	<i>Scielo</i>	<i>Domínio Público</i>	Total
Travesti	4	5	9
Travestis	19	-	19
Transsexual	1	11	12
Transsexuais	6	2	8
Transsexual	1	-	1
Transsexuais	-	-	-
Travesti/Travestis	11	9	20
Travesti/Transsexual	1	2	3
Travestis/Transsexual	1	-	1

¹⁰ Das cento e oitenta e uma (181) produções encontradas, oito (08) foram excluídas por não estarem em português. Dessas, eram três (03) artigos e uma (01) dissertação, procedentes do termo “travesti”; dois (02) artigos do termo “travestis”; um (01) artigo do termo “transsexual”; um (01) artigo do termo “transsexuais”.

Travestis/Transexuais	12	-	12
Transexual/Transexuais	1	1	2
Transexual/Transsexual	2	-	2
Transsexual/Transexuais	4	-	4
Travesti/Travestis/Transexuais	-	2	2
Travestis/Transsexual/Transexuais	1	-	1
Transexual/Transsexual/Transexuais	5	-	5
Travesti/Travestis/Transexual/Transexuais	1	-	1
Total	70	32	102

Tabela 1: Total de produções selecionadas nas bases de dados científicas.

Assim, as cento e duas (102) produções seriam o nosso corpus de análise. Partimos então para as leituras, entendendo que essa é uma das principais técnicas de efetivação da pesquisa bibliográfica. Segundo Lima e Miotto (2007), é através da leitura "que se pode identificar as informações e os dados contidos no material selecionado, bem como verificar as relações existentes entre eles de modo a analisar a sua consistência" (p.41)

Ao realizarmos uma leitura exploratória¹¹ - nesse momento nos dedicamos aos resumos - que objetiva verificar se as obras interessam à pesquisa, percebemos que uma análise consistente de todo esse material seria um empreendimento inviável. Com isso, elegemos somente as produções encontradas na biblioteca eletrônica *Scielo*. Pautamos no fato de que muitos dos artigos nela presentes eram resultados de teses e dissertações. Sendo assim, foram excluídas das análises trinta e duas (32) teses e dissertações encontradas no *Portal Domínio Público*. Nosso corpus de análise, portanto, reuniu setenta (70) artigos¹². Esse processo de exclusão acabou por alterar, mesmo que minimamente, os objetivos desse estudo, já que nossas fontes seriam as produções científicas, contempladas pelos artigos, teses e dissertações. Ao desconsiderarmos as

¹¹ Salvador (apud LIMA; MIOTTO, 2007) identifica a leitura exploratória como "rápida, cujo objetivo é verificar se as informações e/ou dados selecionados interessam de fato para o estudo" (p.41). Nas palavras de Gil (2010), "esta é uma leitura do material bibliográfico que tem por objetivo verificar em que medida a obra consultada interessa à pesquisa" (p.59).

¹² A lista com todas as referências dos artigos utilizados enquanto nosso corpus de análise encontra-se em anexo a este trabalho.

últimas, tomamos por objetivos **localizar como travestis e transexuais vêm sendo nomeadas, para, então analisar a constituição da prostituição entre esses sujeitos, ambos discutidos a partir de artigos científicos disponibilizados na biblioteca eletrônica Scielo.**

Como primeiros indícios de nossas leituras, observamos as áreas das quais provêm às publicações. O número mais significativo, a partir da biblioteca eletrônica *Scielo*, localiza-se na área Interdisciplinar¹³. Dos setenta (70) artigos, dezenove (19) foram publicados em revistas¹⁴ que assim se classificam. Esse dado nos leva a desconfiar da possibilidade de que a ciência ainda não esteja em consenso quanto à área de publicação em que se encontram as questões que dizem respeito a travestis e transexuais. A Saúde Coletiva (9), Saúde Pública (9), Direitos Humanos (8), Psicologia (7) e Antropologia (4) igualmente, vêm demonstrando interesse em discorrer a respeito do assunto. Em menor escala, aparecem produções em Ciências Sociais, História e Medicina. Há ainda outras áreas, como a Linguística, Administração, Saúde, Enfermagem, Ciência da Informação, que apresentaram estudos nessas temáticas, ainda que em número reduzido.

Observados os aspectos mais gerais, era necessário dedicarmo-nos a leituras completas e atentas das nossas fontes. Dado o processo da pesquisa, realizamos uma leitura analítica¹⁵ dos setenta (70) artigos, a partir de um roteiro (LIMA; MIOTO, 2007) ou fichamento (GIL, 2010). Para a sistematização desses, tomamos alguns parâmetros como norteadores, tais como: o ano das publicações, a partir dos quais realizamos uma leitura cronológica em ordem crescente, os referenciais presentes, os objetivos de cada um dos artigos, as palavras-chaves, olhando para como cada um desses tratou a nomeação, que promoveu o deslocamento em nossa pesquisa e norteou os termos de busca, sem descuidar das questões acerca da prostituição e seus atravessamentos nas

¹³ O entendimento de interdisciplinar que aqui tomamos baseia-se nas informações trazidas nas revistas onde foram publicados os artigos, quanto à área em que constam esses estudos.

¹⁴ Os artigos encontrados provêm da *Revista Estudos Feministas, Cadernos Pagu, História, Ciências, Saúde-Manguinhos e Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, que se apresentam como publicações interdisciplinares.

¹⁵ Essa é a definição dada pelo autor Carlos Antônio Gil (2010). Entretanto, o mesmo processo é chamado de leitura reflexiva ou crítica por Salvador (apud LIMA; MIOTO, 2007). O movimento a que fazem referência consiste em ordenar e sumarizar as informações contidas nas produções, com o intuito de responder aos objetivos da pesquisa.

vivências de travestis e transexuais. Ressaltamos que a nomeação não precedeu a prostituição, mas sim, funcionaram num movimento conjunto.

Conforme pontuado, viemos realizando leituras diferenciadas dos artigos. Entretanto, não nos dedicaremos a pontuar individualmente sobre cada um deles. Lançando mão da leitura interpretativa¹⁶, nesse momento, concentramo-nos em relacionar objetivos e conteúdos, mais do que isso, fazia-se necessário interpretar. Para isso, nos pautamos nas recorrências, nas conversões a partir dos elementos presentes em cada um dos artigos e que interessavam ao nosso estudo. Estabelecemos tal critério, ainda que os autores não o coloquem, exatamente, nesses termos, por entendermos a sua relevância para o processo envolvido na pesquisa bibliográfica.

Como procedimento metodológico, mantivemo-nos comprometidos com critérios e técnicas, num movimento contínuo em que cada etapa pressupõe aquela que a precede e completa-se na que segue. Avançamos como quem trilha um caminho, até que é chegada a hora de demonstrarmos o que o percurso provocou em nós enquanto pesquisadores e mediadores dos diálogos entre referências e fontes. Encaminhamos, então, o que Salvador (apud LIMA; MIOTO, 2007) indica como síntese integradora das soluções. Seria essa:

[...] o produto final do processo de investigação, resultante da análise e reflexão dos documentos. Compreende as atividades relacionadas à apreensão do problema, investigação rigorosa, visualização de soluções e síntese. É o momento de conexão com o material de estudo, para leitura, anotações, indagações e explorações, cuja finalidade consiste na reflexão e na proposição de soluções (p. 41).

Nesses termos, a nossa síntese integradora apresentar-se-á em linhas de análise, as quais pretendem demonstrar o que capturamos em nossas leituras, colocadas em diálogo com outros autores que usamos como referências. A primeira, diz respeito à nomeação: “Quem é quem? Como a produção científica vem nomeando travestis e transexuais?”. Para tal, a dividimos em subtítulos: "Incorporações Modelares" e "Incorporações Sociais". A segunda ocupa-se da prostituição: “*Somos capazes, somos fantasia*’: a prostituição entre corpos e espaços”. Da mesma forma, vimos à necessidade

¹⁶ Constitui a última etapa do processo de leitura das fontes bibliográficas. Há um consenso entre os autores quanto ao seu grau de complexidade. Está nela implicada a interpretação das ideias do autor, relacionada aos objetivos do pesquisador, ligados a outros conhecimentos (SALVADOR, apud, LIMA; MIOTO, 2007) e (GIL, 2010).

de dividi-la em: "Corpos Travestidos" e "Circuitos da Prostituição". Essa disposição aconteceu, quase que espontaneamente. Dizemos isso, baseados na recorrência das informações que foram aparecendo nos conteúdos dos artigos. Foi a partir do que eles anunciavam que emergiram as linhas das quais trataremos.



3. Da nomeação às práticas de prostituição

3. Da Nomeação às Práticas de Prostituição

Esse é o momento no qual vamos demonstrar como operamos com nosso corpus de análise colocado em diálogo com outros autores os quais tomamos enquanto referências. Os movimentos resultantes desse processo serão apresentados em linhas de análise, a partir das quais, refletiremos nossas capturas e as convergências anunciadas nos artigos.

A primeira delas - Quem é quem? Como a produção científica vem nomeando travestis e transexuais - diz respeito à nomeação de travestis e transexuais e encontra-se dividida em subtítulos. Optamos em dispô-la dessa forma por entendermos que a nomeação aparece atravessada por questões que dizem respeito ao que chamamos de “Incorporações modelares” e “Incorporações Sociais”.

A segunda linha ocupa-se da prostituição - "*Somos capazes, somos fantasia*": a prostituição entre corpos e espaços - e, igualmente, a discorreremos em subtítulos, isso porque, para essa prática, nos parecem prementes os "Corpos Travestidos" e não menos importantes os espaços por elas ocupados e as implicações em suas vivências, nesse caso, os “Circuitos da Prostituição”.

3.1 Quem é quem? Como a produção científica vem nomeando travestis e transexuais

A busca por respostas para a pergunta lançada promoveu um deslocamento no estudo que intencionávamos. A dúvida que surgiu a partir de uma investigação informal tomou maiores proporções, disparando nosso interesse e nos levando a investir nessa questão, a partir do que a ciência vem produzindo a respeito. Pensando a divergência, as disputas e como esses limites entre ser travesti e transexual estariam demarcados, debruçamo-nos sobre os artigos para com eles localizarmos como travestis e transexuais vêm sendo nomeadas. Procuramos demonstrar as características existentes entre si, as diferenças e também as disputas presentes em cada uma dessas nomeações. Encontramos escritas inspiradas em discussões levantadas pelos próprios sujeitos,

baseadas em suas experiências e ainda, pautadas por referências a documentos como a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, também conhecida como, Código Internacional de Doenças¹⁷ (CID) e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais¹⁸ (DSM), que trazem em seu conteúdo convenções que pretendem demarcar as diferenças, a partir do saber médico. Observaremos que esses entendimentos aparecerão atravessados em muitas das produções que compõem o nosso corpus de análise.

Enquanto movimento cronológico da nomeação, o estudo mais antigo data do ano de mil novecentos e setenta e seis (1976) e foi apresentado no Simpósio sobre Transexualismo, promovido pelo Departamento de Urologia da Associação Paulista de Medicina. Nessa primeira escrita, o autor indica um caráter patognômico¹⁹ ao, ainda chamado, transexualismo. Fazia-se necessário um diagnóstico, obtido mediante uma avaliação multidisciplinar, para que então a conduta cirúrgica de conversão sexual fosse ou não recomendada. O avanço nas leituras demonstrou que, avaliação e diagnóstico são condutas mantidas em relação às transexuais e condicionais para tal mudança.

As primeiras recorrências de um estudo que apresente referências sobre o ser travesti data do século XIX, na Bahia. Tratavam-se de homens que se vestiam de mulher (SANTOS, 1997), o que na época era considerado um crime, passível de prisão para quem o cometesse. Em um estudo realizado por Green (apud BARBOSA, 2013) o uso do termo travesti aparece na mídia impressa desde pelo menos a década de quarenta (40), numa referência à prática já citada de homens vestirem-se de mulheres, nesse caso, no Carnaval. Seriam eles os “homens-travestidos”. O autor ainda pontua que o termo também era utilizado “por pessoas que se autoidentificavam como homossexuais, tinham uma performance de gênero feminina, trabalhavam no teatro, em bares e em boates de show e eram conhecidos como “transformistas” ou “artista-travesti”.

¹⁷ Publicada pela Organização Mundial de Saúde, fornece códigos relativos à classificação de doenças e de uma grande variedade de sinais, sintomas, aspectos anormais, queixas, circunstâncias sociais e causas externas para ferimentos ou doenças. Disponível em: www.cid10.com.br. Acesso em: 02 mar. 2014.

¹⁸ Elaborado pelos psiquiatras da Associação de Psiquiatria Norte-americana, os critérios de diagnóstico do DSM constituem tentativas para codificar a grande diversidade dos problemas emocionais e comportamentais humanos. Disponível em: http://www.psiquiatriageral.com.br/dsm4/sub_index.htm. Acesso em: 02 mar. 2014.

¹⁹ Relativo à patognomonía, que são os sinais ou sintomas próprios de cada doença. Nesse caso, o desejo obsessivo de “correção” cirúrgica do sexo.

Nomear de acordo com o dicionário quer dizer “designar uma coisa, uma pessoa pelo seu nome. / Instituir na qualidade de. / Escolher para preencher certas funções. Dar a si mesmo um nome ou qualificativo; intitular-se²⁰”. Nessa perspectiva, parece-nos se tratar de um movimento simples e classificatório, sem resistências. Entretanto, esse processo de identificação parece não funcionar de maneira estável e singular, tanto que constantemente o vemos deslocar-se. Essa seria, pois, uma particularidade atribuída às sociedades modernas. Como tal, a modernidade, “não é definida apenas como a experiência de convivência com a mudança rápida, abrangente e contínua, mas é uma forma altamente reflexiva de vida” (HALL, 2006, p. 15). Ainda que seja uma concepção simplista diante de toda complexidade que está implicada nesse processo, este pode funcionar como um esboço do panorama que encontramos em nossos artigos.

Nesse sentido, nos pautamos pela dinâmica encontrada em nosso campo investigativo, exatamente, porque nele não se estabelece um consenso, seja entre os próprios sujeitos ou os autores que falam por e sobre eles. Inspirados e atravessados pelos entendimentos de Hall (2006), vemos a nomeação como parte do processo de identificação, que implica diretamente em suas considerações sobre a identidade e o movimento que nela contemplado. Cabe, nesse contexto, pontuar que, para ele:

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. As partes “femininas” do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta. Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma *falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude (p. 38).

Tomamos esse entendimento enquanto referência e sugestionados por essa instabilidade ou talvez, impossibilidade, de nomearmos nossos sujeitos, apresentaremos as tensões presentes em nosso corpus de análise e discorreremos sobre elementos que intencionam convencionar entendimentos acerca do ser travesti e transexual. Foi a partir

²⁰ Dicionário online de português. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/nomear/>. Acesso em: 15 mar. 2014.

deles que optamos por apresentar nossos achados em subtítulos - "Incorporações Modelares" e "Incorporações Sociais" - demonstrando como a nomeação de travestis e transexuais encontra-se implicada em cada um. Entendemos que nossa escolha pautou-se no que as produções anunciavam, considerações que emergem, recorrem e que atravessam essa questão.

3.1.1 Incorporações Modelares

As leituras com as quais viemos nos ocupando permitiram-nos enxergar algumas condições usadas pela ciência para nomear travestis e transexuais. Uma delas diz respeito às intervenções cirúrgicas as quais elas se submetem em busca de sua identificação e para marcarem as diferenças. A construção desses sujeitos acontece através de mudanças e atitudes que se inscrevem nos corpos. Entre ambos, esse processo de investimento e cuidado aparece como contínuo. Em linhas gerais, as travestis têm a pretensão de se passarem por mulheres e as transexuais reivindicam serem “mulheres de verdade”.

Travestis seriam homens que constituem seus corpos femininos, a partir da ingestão de hormônios e da utilização de próteses de silicone, permanecendo travestidas em seu cotidiano (SILVA; SILVA & FLORENTINO, apud CHIDIAC & OLTRAMARI, 2004). Em busca dessa imagem de mulher, afinam-se os traços, bronzeiam-se os corpos, usam roupas glamourosas, escolhem nomes de atrizes e cantoras (PELÚCIO, 2005). A mesma autora identifica que essa transformação passa por quatro (04) etapas:

A primeira delas é quando ainda se é “gayzinho” (classificação êmica²¹), ou seja, já assumiu a orientação sexual para familiares e para “a sociedade” (como elas dizem, para um conjunto mais abrangente de pessoas), mas ainda não se vestem com roupas femininas ou ingerem hormônios. A fase seguinte é “montar-se”, que significa, no vocabulário próprio do universo homossexual masculino, vestir-se com roupas femininas, maquiar-se de forma a esconder a marca da barba, ressaltar maçãs do

²¹ Termo utilizado na Antropologia para descrever categorias e valores internos próprios às sociedades e grupos em estudo, e tomados segundo a lógica e coerência com que aí se apresentam; o termo tem origem na linguística, mas atualmente é utilizado predominantemente na Antropologia (PELÚCIO, 2005).

rosto, evidenciar cílios, as pálpebras dos olhos e a boca. Nessa etapa, vestir-se com roupas femininas ainda é algo ocasional, furtivo, restrito a momentos de lazer. O terceiro momento é o da “transformação”, uma fase mais nuançada, pois tanto pode envolver apenas depilação dos pêlos do corpo e vestir-se cada vez mais frequentemente como mulher, como pode indicar o momento inicial de ingestão de hormônios, quando estes ainda não mostraram efeitos perceptíveis; finalmente, a quarta etapa, quando já se é travesti, além do consumo de hormônios, vestem-se todo o tempo com roupas femininas (sobretudo roupas íntimas, pode estar de shorts, sem camisa, mas de calcinha) e planeja injetar silicone nos quadris e nádegas (PELÚCIO, 2005, p.225)²².

Ainda que esse processo não aconteça, exatamente, como o descrito pela autora, as travestis investem permanentemente em sua produção visual e gestual. Trata-se de cuidados, intervenções, tratamentos, estratégias para que esse corpo masculino possa comunicar uma imagem feminina e conformar o que Benedetti (2000), inspirado em Batenson (1958), convencionou chamar de *ethos travesti*.

Entre as travestis, a percepção do corpo e sua fabricação constituem sua identidade social e seu processo e fabricação como pessoa. O corpo travesti é treinado minuciosamente para adquirir características associadas às mulheres. Desde a maneira de mexer nos cabelos até as formas corporais, as travestis ostentam um complexo sistema de técnicas para a construção do feminino (BORBA; OSTERMANN, 2008, p. 414).

Na perspectiva dos artigos analisados, as chamadas intervenções, na ordem das travestis, dizem respeito a tratamentos hormonais, aplicações de silicone, depilação dos pelos e técnicas de maquiagens. Nesse sentido, diferem-se do que é associado às transexuais, pois, segundo os textos, elas não reivindicam a readequação sexual. Os artifícios usados pelas travestis para suas transformações valem-se dos saberes desenvolvidos pela medicina e ciências, a partir dos quais modificam seus corpos e ainda, produzem alterações de ordem moral (BENEDETTI, 2000).

²² Apresentaremos as fontes em caixas de texto, alinhamento justificado, fonte Times New Roman número 10 e itálico.

Nesse momento, destacamos o tratamento hormonal, visto a quantidade de produções que o anunciam, nos termos de Borba e Ostermann (2008), como uma verdadeira fonte de feminilidade. Os mesmos autores, em seu estudo sobre sistemas de gênero, descrevem que os tratamentos hormonais funcionam como um ritual de passagem através do qual o "devir travesti" é conquistado. Nota-se, ainda, um conflito no que tange às determinações biológicas e à ingestão de hormônios.

Como os níveis de testosterona podem interferir nos efeitos trazidos pelos hormônios, as travestis às vezes têm de se privar do prazer sexual numa tentativa de manter a substância em seus corpos. O vencedor dessa briga interna, como as travestis mesmas costumam afirmar, depende do quanto se ejacula. Nessa perspectiva, o sêmen parece ser concebido como o veículo através do qual sua feminilidade pode deixar seus corpos (IDEM, p. 415).

O excerto acima demonstra o entendimento de que para manter suas formas corporais femininas, as travestis devem deixar de ejacular por alguns dias. De acordo com as participantes desse estudo, elas chegam a passar semanas sem manter relações sexuais, preservando o esperma no interior de seus corpos. Além disso, o uso de altas dosagens hormonais podem trazer consequências às travestis. Um estudo realizado no Programa de Saúde da Família da Lapa – Rio de Janeiro, apresenta como principal efeito do uso desses hormônios, os distúrbios hepáticos (ROMANO, 2008).

A colocação de silicone também aparece como prática recorrente entre as travestis. Nesse caso, o mais comum é o silicone líquido industrial, aplicado através de injeções, devido à impossibilidade financeira de submeterem-se a procedimentos considerados legais. A busca pelas formas femininas, a partir dessas intervenções, é entendida como potencializadora da performance das travestis nos espaços de prostituição. Modela-se o corpo para responder as exigências do mercado, a grosso modo, elas também o fazem, para conseguirem clientes na batalha²³. Borba e Ostermann (2008, p.416) pontuam que:

²³ O título a seguir tratará essa questão com maior atenção.

[...] aquelas travestis que têm seus corpos moldados por silicone parecem possuir mais capital físico, o que é essencial nas vidas das travestis que trabalham como profissionais do sexo.

O ser travesti, ainda que seja um processo inesgotável, aparece marcado por intervenções como as que consideramos e o corpo aparece como participante ativo dessa construção de significados. Trata-se de um investimento econômico, mas também emocional e social (MULLER; KNAUTH, 2008). Tussi (2006) em sua exposição sobre o livro "Toda Feita" de Marcos Benetti (2005) destaca as descrições empíricas feitas pelo autor, que dizem respeito ao processo de transformação e construção desse feminino:

As mãos e rosto, os pelos e cabelos, a voz, as marcas corporais (como as cicatrizes e as tatuagens), os sapatos e roupas, os hormônios, o silicone, a cirurgia plástica e o acuardar a neca²⁴ [...] demonstram o valor do corpo embebido nesse grupo social e que, em alguns momentos nos surpreende (p.325).

Por outro lado, as referências sobre transexuais aparecem fortemente atravessadas pelos saberes médicos, legitimados pelos conteúdos presentes no Código Internacional de Doenças (CID) e no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). Em suas últimas edições, esses documentos trazem tipos específicos de transtornos. Na décima edição do CID (CID-10) constam os Transtornos da Identidade Sexual, apresentado em categorias: Transexualismo; Travestismo bivalente; Transtorno sexual na infância; Outros transtornos da identidade sexual; e, ainda, Transtorno não especificado da identidade sexual. O mesmo código também pontua sobre os Transtornos da preferência sexual, onde, dentro das Parafilias²⁵, tem-se o Travestismo fetichista²⁶.

²⁴ No bajubá, linguagem própria das travestis, significa esconder o pênis.

²⁵ As antigas perversões sexuais.

²⁶ Leite Jr. (2011) traz cada um desses transtornos em detalhes.

O DSM-IV²⁷ dedica um capítulo aos Transtornos sexuais e da identidade de gênero, dividido em Disfunções sexuais, Parafilias - onde está incluso o Fetichismo transvêrsico – e, em outro item, os Transtornos da identidade de gênero, subdivididos em crianças, adolescentes ou adultos e sem outra especificação²⁸.

Nos artigos científicos analisados a busca pelo diagnóstico da transexualidade e posterior realização da cirurgia faz com que os sujeitos, valendo-se dos saberes médicos, reiterem seu incômodo com o órgão genital. Muitas das escritas contidas nas produções a que nos dedicamos buscam evidenciar esse entendimento. Síndrome, patologia, psicose, transtorno de identidade de gênero são alguns dos termos atribuídos ao sentimento intenso de não pertencer àquele sexo anatômico (CASTEL, 2001).

Em uma pesquisa exploratória realizada no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vimos que os sintomas convencionados como comuns à transexualidade são confirmados pelas transexuais que pretendem transgenitalizarem-se.

Todas as pacientes relatam uma condição de intenso sofrimento psíquico, que aparece sob a forma de tentativas de suicídio, depressão, transtornos alimentares e angústias das mais diversas formas o que é provocado não apenas pelo conflito de não pertencimento ao sexo biológico como também pelas inúmeras consequências sociais intrínsecas a esta condição (ARÁN; Zaidhaft; Murta, 2008, p.74).

Nos estudos que compuseram nosso corpus de análise a intervenção cirúrgica do tipo “neocolpovulvoplastia²⁹” é ansiada pelas transexuais enquanto resultado de seu processo de identificação. Entretanto, assim como anunciado pelos autores, localizamos outra questão implicada nessa necessidade de declarar sua insatisfação em relação ao sexo biológico. Referimo-nos, especificamente, a cirurgia que aparece como

²⁷ Referência a quarta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, revisado em 2000.

²⁸ Leite Jr. (2011) traz cada um desses transtornos em detalhes.

²⁹ Nome técnico da cirurgia de construção de vagina (BARBOSA, 2013).

demarcador das fronteiras que as separam das travestis. Nas palavras de Benjamin (apud BARBOSA, 2013):

[...] as diferenças básicas entre travestis e transexuais encontram-se na relação que cada qual mantém com seu respectivo órgão genital e com o desejo da cirurgia de transgenitalização: enquanto travestis não desejariam esta cirurgia e sentiriam prazer com o pênis, transexuais a desejariam e sentiriam desconforto e profunda infelicidade em relação ao pênis (p.360).

Considera-se uma aparente unanimidade, no que tange às questões referentes ao incômodo com o sexo biológico e o desejo da cirurgia de transgenitalização como condição de sobrevivência e limite demarcador entre as transexuais e as travestis.

3.1.2 Incorporações Sociais

As incorporações sociais se ocupam da nomeação numa perspectiva que se encontra para além dos saberes médicos, ainda que estes estejam presentes. Travestis e transexuais não se encontram separados, somente, pelas intervenções cirúrgicas, com ênfase ao processo transgenitalizador. Observamos que ao ato de nomear estão implicadas questões que se encontram na ordem social. Estabelecem-se outras fronteiras encarregadas de localizar quem são as travestis e quem são as transexuais, a partir do que as escritas científicas apresentam.

Barbosa (2013) relata sua experiência, na cidade de São Paulo, em reuniões chamadas “Terças Trans³⁰”. Em uma dessas observações, a discussão sobre as diferenças entre travestis e transexuais recorreu e, ao procedimento cirúrgico (realizado ou desejado), até então convencionalizado como demarcador, foram associadas outras atitudes. O excerto a seguir integra o caderno de campo do autor, onde, inclusive, ele registra suas intervenções junto às participantes.

³⁰ Direcionadas para travestis e transexuais, aconteciam quinzenalmente, em São Paulo, durante os anos de 2008 e 2009. Eram organizadas pela Secretaria de Travestis, Transexuais e Transgêneros da Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo e realizadas no Centro de Referência em Diversidade (CRD).

Para Giovana, pessoa autodenominada transexual, a questão que as diferencia das travestis é o grau de desconforto que sentem com o órgão genital. As transexuais teriam um maior grau de desconforto e as travestis, um menor grau. E este fato explicaria o gênero de cada uma: as transexuais reivindicam ser mulheres e, desta forma, do gênero feminino, enquanto as travestis reivindicam uma ambiguidade, pois mesmo querendo ser tratadas no feminino, permanecem com o principal aspecto masculino, o pênis. Esta questão me intrigou e perguntei para elas se a diferença não fosse a cirurgia e se ambas, travestis e transexuais, pudessem vir a usar o pênis, ou mesmo a não querer a cirurgia, o que seria esse grau de desconforto? Ana, outra pessoa autoidentificada como transexual, disse que este grau de desconforto explica-se pelo seguinte fato: as travestis são “ativas” e “passivas” com homens, enquanto as transexuais são sempre “passivas”. E acrescentou: as travestis são principalmente “ativas”, pois é isso que os homens querem das travestis. [...] Ana continuou argumentando que as transexuais não conseguiriam ser ativas no ato sexual, pois “mulheres não são ativas” e os homens que as procuram são heterossexuais (p.364).

O apontamento feito pela transexual em questão pode funcionar enquanto diferença entre essa e as travestis. Entretanto, alguns estudos associaram as “relações ativas” ao âmbito profissional. Isso porque, ali elas são pagas para realizarem as fantasias dos clientes, que muitas vezes as procuram para esse papel. As suas relações com os maridos, aqueles com os quais mantém um relacionamento fixo, inspiram-se em casais, homens e mulheres, heterossexuais. De forma mais detalhada Garcia (2009) discorre a respeito:

Presumia-se que o “marido” devia fazer o papel correspondente ao do “macho” da relação sexual heterossexual: este podia penetrar analmente a sua “companheira”, tocá-la em suas partes femininas, oferecer seu pênis para a felação, mas jamais tocar em seu pênis ou ter o ânus penetrado ou tocado por ela. Dentro deste contexto, a relação com o “marido” parecia oferecer à travesti um lugar imaginário de mulher. O “marido” parecia ser tão mais valorizado quanto mais se aproximava do estereótipo do “macho” tradicional. Atributos como agressividade, interesse por mulheres e posse de pênis avantajado eram bem-vindos. [...] Tal agressividade evidenciaria não somente a masculinidade do “marido” como também a feminilidade da travesti agredida. [...] Uma consequência do relacionamento com os “maridos” no campo da sexualidade, tal como ele era estruturado hegemonicamente entre essas travestis, era a ausência da possibilidade de ejaculação da travesti nas relações sexuais. Ter ejaculação ou mesmo ter ereção significava se colocar como “homem” na relação, saindo do lugar imaginário da mulher (p.610).

Podemos observar que a nomeação não resulta, somente, de um diagnóstico capaz de atestar a ausência ou a presença de um transtorno ou a postura que se assume na relação sexual. Nela estão implicadas também outras questões, como diferenças de caráter social e moral. Nesse sentido, não por acaso, as transexuais insistem no estabelecimento das distinções, isso por conta da associação das travestis à prostituição, que é vista como uma atividade marginal e desqualificada. Essas aproximações aparecem em muitas das produções, com ênfase naquelas que apresentam estatísticas dos crimes cometidos e sofridos pelas travestis, principalmente, nos espaços de prostituição. As implicações dessa prática no cotidiano das travestis são aspectos inclusos nesse estudo, mas que serão tratados num momento a seguir.

A diferenciação reivindicada pelas transexuais em relação às travestis vem da necessidade de se separar da imagem de violência, marginalidade e prostituição comumente ligada a estas últimas. Essa conduta é uma estratégia de enfrentamento de estigma e do preconceito social contra a sua diferença. O desejo de legitimidade social está apoiado na ideia de que, por serem vítimas da natureza, o seu comportamento não implicaria nenhum tipo de desvio moral, como o atribuído socialmente à homossexualidade e ao travestismo (ZAMBRANO, 2006, p.138).

Para além, dos campos médico e jurídico, as discussões que envolvem a forma como são nomeados travestis e transexuais são atravessadas pelas lutas dos movimentos GLBT³¹ ou LGBT³², que, no intuito de fortalecer e ganhar maior visibilidade, agregaram travestis e transexuais sob o termo transgêneros³³. Essa não foi uma decisão reivindicada pelos grupos envolvidos, inclusive, houve certa resistência quanto a sua adoção. Notem o que diz o excerto a seguir:

As travestis e as transexuais, de início, não ficaram muito satisfeitas de serem chamadas de

³¹ Sigla utilizada pelo movimento homossexual, que significa Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros.

³² Sigla também utilizada pelos movimentos, que significa Lésbicas, Gays, Bissexuais Travestis, Transexuais e Transgêneros.

³³ Transgêneros é uma categoria traduzida do inglês *transgender*. Foi difundida no Brasil com a intenção de acolher tanto travestis, como transexuais.

transgêneros, e ainda hoje a Articulação Nacional de Transgêneros conta com vinte (20) entidades/núcleos especificamente de travestis e onze (11) que se intitulam como de “transgêneros” ou de “travestis e transexuais” (FRANÇA, 2006, p.104).

O reconhecimento da existência do movimento homossexual, não significa que ele seja homogêneo. Nesse sentido, destacamos seu caráter político, sua complexidade e o fato de que em sua formação coexistam múltiplos sujeitos, que nem sempre, movem-se pelos mesmos discursos ou comprometem-se com as mesmas lutas. É possível, que as letras que compõem as siglas, intencionem estabelecer, dentro do movimento, a organização desses sujeitos, o que parece caracteriza-se por um processo de inclusão. Entretanto, essas tentativas não suprimem os conflitos internos existentes, principalmente, por estarem relacionados a um jogo de posições e estratégias políticas (FRANÇA, 2006).

Há de se considerar, que ainda que movimento abrigue sob o mesmo termo travestis e transexuais, as diferenças encontram-se em territórios permeados de polêmicas. A escrita de França (2006) lança alguns pontos que identificam esse paradoxo nesse domínio:

[...] alguns afirmam que a diferença estaria no desejo da cirurgia de transgenitalização; outros, que estaria no desempenho de papel sexual "ativo" ou "passivo"; outros, ainda, ressaltam o sofrimento psíquico que um órgão genital identificado como pertencente ao sexo oposto ao qual se julga pertencer causaria a transexuais, ao passo que travestis lidariam "bem" com este aspecto (p. 113).

3.2 "Somos capazes, somos fantasia": a prostituição entre corpos e espaços

O prazer sexual é o auge das sensações de prazer; na verdade, um padrão pelo qual todos os outros prazeres tendem a ser medidos e do qual eles são, de comum acordo, apenas pálidos reflexos no melhor dos casos, e imitações inferiores e falsificadas no pior. [...] a experiência sexual definitiva permanece para sempre uma tarefa para mais adiante e nenhuma experiência

sexual real é verdadeiramente satisfatória, nenhuma elimina a necessidade de mais treinamentos, instruções, conselhos, receitas, drogas ou aparelhos (BAUMAN, 2008, p. 284).

A prostituição e o que é dito sobre ela voltam a ser o foco de análise, uma vez que haviam sido suspensas anteriormente para que pudéssemos voltar nossas atenções à nomeação, dados os sujeitos dessa pesquisa. Lembrando, ao buscarmos travestis que se prostituíam fomos surpreendidas com uma identificação desses sujeitos que era divergente daquela com a qual estávamos trabalhando e que, para nós, já estava naturalizada. Diante disso, nos vimos desafiadas a fazer um deslocamento no processo de pesquisa e o que se pautava pela prostituição travesti teve que ser antecedida de uma discussão sobre a maneira pelas quais travestis e transexuais vêm sendo nomeadas. Nesse momento, nos reencontramos com o propósito inicial e objetivamos uma análise a respeito da constituição da prostituição travesti e transexual em artigos científicos disponibilizados na biblioteca eletrônica *Scielo*.

O presente investimento faz parte de um segundo movimento de pesquisa, mas segue tendo por base a utilização do corpus de análise já descrito. Isso porque, enquanto olhávamos para as questões referentes à nomeação, simultaneamente, considerávamos o que os artigos apresentavam sobre as práticas de prostituição.

Conforme foram sendo feitas as leituras, foi possível enxergar que nenhum deles se remetia à prostituição de transexuais, sendo essa atividade vinculada, exclusivamente, às travestis. Isso já tinha ocorrido nas primeiras buscas com o termo “prostituição”, realizadas no início na pesquisa³⁴. Diante desse dado, as questões sobre prostituição que serão tratadas nesse momento referem-se às travestis. As histórias que vão sendo construídas por entre os artigos acontecem a partir de diferentes cenários, os quais vão imprimindo um pouco da dinâmica da prostituição travesti através do olhar da ciência.

O espaço da prostituição é um dos principais lugares sociais de construção e aprendizado do feminino entre as travestis. Assim, os diversos espaços espalhados pela cidade, normalmente públicos e exclusivos, servem de camarim e palco para o processo de transformação do gênero. [...] É ali que aprendem os métodos e técnicas de transformação do corpo, incorporam os

³⁴ Quando iniciamos as primeiras buscas para a pesquisa optamos por mais de uma base de dados científicas, naquele momento ainda utilizávamos a biblioteca eletrônica *Scielo* e o *Portal Domínio Público*. O primeiro termo de busca utilizado foi “prostituição”, isso porque entendíamos que tal palavra seria capaz de contemplar a prática e seus sujeitos, no nosso caso, especificamente, travestis e transexuais.

valores e formas do feminino, tomam conhecimento dos *truques* e técnicas do cotidiano da prostituição, conformam gostos e preferências (especialmente sexuais), aprendem o “habitus” travesti. Este é um dos importantes espaços onde as travestis constroem-se corporal, subjetiva e socialmente (BENEDETTI, 2000, p.58).

O trecho acima, nos permite vislumbrar alguns elementos que recorrem nos artigos: a implicação do espaço, os métodos de transformação do corpo, as técnicas utilizadas para se prostituir. Na tentativa de organizar os artigos lidos sobre prostituição dentro contexto apresentado, tivemos a preocupação de demonstrar onde esses, que provêm de diferentes áreas do conhecimento, produzidos em tempos distintos e com objetivos diversos, aproximam-se e convergem.

Esse investimento permitiu-nos localizar, pelo menos, duas questões que soam como potentes para nos debruçarmos e dialogarmos, que são: os processos de transformação do corpo e seus atravessamentos e os espaços de prostituição e as implicações na exposição e experiência das travestis. As apresentaremos em subtítulos, "Corpos Travestidos" e "Circuitos da Prostituição", mesmo que esses sejam momentos concomitantes em suas vivências, discorreremos sobre eles, separadamente.

3.2.1 Corpos Travestidos

As histórias da prostituição travesti ao longo do tempo foram sendo construídas e reconfiguradas por aquelas que as protagonizam. Entretanto, para esse momento, pretendemos traçar um perfil, sobre o qual lançaremos nossos olhares e isso, talvez, só seja possível se considerarmos a ambiguidade, a imprecisão com as quais constituem-se. Inspirado em Foucault (1987), Benedetti (2000) pontua que as travestis:

[...] deslizam entre lógicas distintas, passeiam pelos diferentes domínios do gênero com performances específicas e desafiam a ordem social ao controlarem ao seu modo o que é o principal meio de controle político dos sujeitos na sociedade ocidental - as práticas e técnicas de intervenção no corpo (p.51).

Nessa perspectiva, trazemos para essa linha os artigos que se concentraram em questões referentes às intervenções, inclusive cirúrgicas, para a fabricação desses corpos. Tratam-se de procedimentos realizados de forma legal, mas principalmente, aqueles operados por elas mesmas, como a aplicação de silicone líquido industrial, o uso de hormônios femininos e suas implicações para a saúde. Entendemos que também seria possível agregar a essa linha, produções que discutem sobre a realidade enfrentada pelas travestis quanto ao acesso e garantia de atendimento nos serviços de saúde, políticas para essa população, que incluem os projetos de prevenção ao HIV/DST/Aids.

A busca por modelarem seus corpos com formas femininas aparece como um dos desejos centrais manifestos pelas travestis logo que se assumem socialmente. São essas intervenções sobre o corpo, que, principalmente, demarcam sua identificação. Mesmo assim, essa busca não pretende o encontro com o feminino das mulheres, isso porque elas querem se sentir mulher e não ser mulher. Daí o entendimento de que as travestis possuem um gênero próprio (BENEDETTI, 2000).

No entanto, a construção desse corpo faz com que elas se submetam a procedimentos, muitas vezes, considerados arriscados, como a aplicação de silicone líquido e industrial³⁵ para modelar seios e glúteos, feita por outras travestis, que são chamadas de bombadeiras³⁶. Além disso, administram hormônios sem prescrição médica e, muitas vezes, sem saberem dos efeitos colaterais dessa ingestão.

Segundo os artigos analisados, as modificações corporais mais comuns acontecem através dos hormônios e das aplicações de silicone líquido e industrial. Entretanto, para os autores, além dos resultados estéticos, essas intervenções simbolizam uma espécie de aproximação das travestis com o universo feminino. Essa é uma perspectiva trazida pelo estudo realizado por Figueiredo (2011), em que as entrevistadas apontam para estreita relação da dor com a identificação do ser travesti.

³⁵ O silicone industrial é o mais comum, por ser acessível em termos econômicos. Essa substância trata-se de um plástico pastoso que é injetado no corpo das travestis (BORBA; OSTERMANN, 2009).

³⁶ Bombadeiras são travestis pagas para injetar silicone no corpo de outras travestis. Em linhas gerais, o procedimento consiste na injeção de silicone industrial. A travesti a ser bombada deita em uma cama com pedaços de tecidos amarrados pelo corpo, para evitar que o silicone escorra para partes do corpo não planejadas (BORBA; OSTERMANN, 2009).

Em suas autorreflexões sobre o que é ser travesti, elas trazem à tona um discurso que revela o cuidado e as mudanças corporais como características centrais desta identificação, sendo estas características empreendidas necessariamente através da dor. Sentem assim, na inevitabilidade, resignação e, na ressignificação da dor, instâncias que auxiliam na sua maior suportabilidade, aumentando o limiar individual para o sofrimento. Esta simbologia positiva dirigida aqui à dor, no que tange aos ideais de suas práticas corporais, pode também ser observada como maneiras de parafrasear os sinais das representações sociais de “feminilidade”, pois é elemento central desta identificação perseguir não apenas as marcas corporais que simbolizam o feminino, mas também os tipos e as modalidades de sentimentos historicamente delegados como próprios desta representação social do feminino (p.104).

Partindo destas discussões, para as travestis, a dor das modificações não está associada a um sentimento negativo. O que pode, inclusive, ser visto como mutilação é entendida por elas como prazer. A “dor da beleza” justifica-se assim que aparecem as tão desejadas formas em seus corpos. O sofrimento funciona como um rito de passagem para a assunção dessa “identificação” travesti.

Para estes autores há, ainda, outros “processos simbólicos” próprios desse universo e que são ativados por essas transformações corporais. Em suas palavras, Pelúcio (2005) ilustra essas representações quando discorre sobre o significado que as travestis atribuem ao silicone, que funciona como:

[...] “purificador” do sangue impuro masculino e instaurador de um “sangue” feminino. O artificial, ficcionalmente, “limpa” o natural, que é negado, e este, por sua vez, é ressignificado e sentido emocionalmente como excesso. O “artificial” é, assim, percebido como parte da própria carne (p.220).

O “ser travesti” é um empreendimento que exige mudanças, principalmente, no corpo e cuidados com a aparência. É uma associação de fatores que implicam um corpo feminino, os cuidados com a aparência, os gestos, onde, pelo menos de longe, possam se passar por mulheres (FIGUEIREDO, 2011).

Para conseguir clientela e fazer frente à concorrência nas zonas de prostituição, a modificação dos corpos é tratada como condição indispensável. O requisito para atrair

clientes é ter de tudo um pouco. Isso significa dizer, que nesse universo, deve-se combinar a feminilidade das travestis com o órgão sexual masculino (BORBA, 2009).

Entretanto, conceber as formas desse corpo feminino pode comprometer a atuação profissional das travestis. Isso porque, além da dor e dos riscos inerentes aos procedimentos elencados, a ingestão de quantidades significativas de pílulas anticoncepcionais e a aplicação de hormônios injetáveis por longos períodos de tempo, podem resultar em consequências indesejadas.

Os principais efeitos colaterais dos tratamentos hormonais [...] parecem ser o inchaço das pernas e pés (especialmente no verão); a retenção de água pelo organismo; diminuição do apetite sexual e da possibilidade de ereção; aumento de apetite; propensão a varizes, preguiça, apatia, pouca disposição física, além de fazer com que as pessoas fiquem mais *irritadas, atacadas, enjoadas e afinar o sangue*³⁷ (BENEDETTI, 2000, p.56).

Essa preocupação com os possíveis efeitos ocasionados às travestis, seja por administração de hormônios, procedimentos cirúrgicos, exposição ao HIV/DST/Aids, álcool e drogas ou outras enfermidades, começa a alcançar maior visibilidade, de acordo com o nosso corpus de análise, a partir do ano de dois mil e oito (2008). É nesse momento que os princípios de integralidade e equidade do SUS se dirigem a gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (GLBT), trazendo as demandas dessa população ao cenário das discussões a respeito da oferta e garantia dos serviços de saúde. A fragilidade de acolhimento e atendimento prestados pelas instituições de saúde acabaram por disparar a necessidade de uma capacitação de seus profissionais para cuidar dessa parte da população. Segundo os autores estudados, o movimento neste sentido se dá pela elaboração de políticas de saúde que contribuirão, entre outros aspectos, para o estreitamento entre serviços e usuários, além de garantia de atendimento, com vistas a minimizar os impactos que quaisquer doenças possam vir a causar às travestis, numa tentativa de garantir o “exercício de sua cidadania”.

Nas palavras de Mello (2011):

³⁷ Afinar o sangue parece ser o indício de um processo de debilitação geral do organismo, um enfraquecimento do sistema de defesa, colocando a pessoa numa situação mais suscetível ao aparecimento de doenças. O sangue aqui é representado como um elemento de força (física e moral) do corpo (BENEDETTI, 2000).

[...] travestis e transexuais correspondem ao público, no conjunto da população LGBT, que mais intensamente sente a escassez de políticas de saúde específicas e, paralelamente, o que mais se beneficiará de tais ações quando forem efetivadas (p.21).

Uma das queixas mais recorrentes entre as travestis refere-se ao atendimento em hospitais e postos de saúde. Elas resistem em procurar assistência por medo da discriminação que acontece desde a recepção, onde pedem para serem chamadas pelo nome social, até o momento da consulta, quando ouvem ecoar o nome que consta no documento de identidade apresentado. Tal situação é trazida por estudos como o de Muller e Knauth (2008). O excerto abaixo dá voz a uma travesti participante dessa pesquisa e explicita as dificuldades por ela enfrentadas:

Eu às vezes estou morrendo de dor. Aí eu já fico com medo... Eu tento... Eu tento ficar com a dor, para não ir no hospital, porque eu sei como é que vão me tratar! Aí, eu já digo: eu nem vou! Para ser tratada mal; então eu fico em casa, morrendo de dor. Eu fico... Às vezes, eu fico em casa, gritando de dor, mas... eu fico com medo de ir (C. M., p.06).

As produções a que nos dedicamos demonstram os esforços que vêm sendo empreendidos para que esse panorama seja modificado. Isso porque, as modificações a que as travestis se sujeitam, a diversidade de parceiros sexuais, a descontinuidade do uso do preservativo são alguns comportamentos que têm implicações em sua saúde. Vemos que os investimentos dos Programas de Saúde e ONGs encontram-se centrados em questões como a humanização do atendimento à população GLBT, prevenção ao HIV/DST/Aids, redução de danos pelo uso de hormônios, álcool, drogas, aplicação do silicone líquido industrial, etc. O estudo de Lionço (2008) elenca alguns pontos que se colocam como prementes no que diz respeito à saúde das travestis como:

[...] a proteção contra abusos médicos, no qual se destaca a recomendação de que nenhum tratamento médico ou psicológico deva visar à cura ou a eliminação de determinada orientação sexual e/ou

identidade de gênero. Faz-se necessário não apenas reconhecer que os processos discriminatórios e de violência contra GLBT decorrem em agravos à sua saúde, tais como sofrimento psíquico, vulnerabilidade ao uso abusivo de álcool, cigarro e outras drogas (Rede Feminista de Saúde, 2006); que o preconceito de profissionais sobre as práticas sexuais e sociais de GLBT acarreta na desqualificação da atenção dispensada a essa população, como já explicitado na literatura acadêmica no caso das mulheres lésbicas e bissexuais (Rede Feminista de Saúde, 2006; Pinto, 2004) [...]. Faz-se necessário, fundamentalmente, reafirmar a universalidade dos direitos humanos, dentre os quais o direito à saúde, resgatando GLBT como sujeitos de direitos, já que os processos de estigma e discriminação vêm comprometendo o seu exercício da cidadania (p.15).

O processo de construção do corpo das travestis é visto como um ritual de passagem, que é atravessado por essas e outras questões. Vê-se surgir novas formas e com elas uma travesti que (re)nasce para o mundo (BENEDETTI, 2000). Para tal, elas apropriam-se de saberes científicos, o que lhes confere conhecimento suficiente para intervirem sobre seus corpos e de outras travestis. É fazendo uso de conhecimentos, entendidos como exclusivos da ciência, que elas conquistam um corpo com formas femininas para sua satisfação pessoal e que também possibilitará a realização de melhores negócios nos espaços de prostituição.

As travestis parecem se aproveitar dos benefícios da tecnologia da vida moderna. Assim, de certa forma, “questionam” a ação daquilo que deveria ser um instrumento de dominação e controle social: as ciências médicas e seus conhecimentos e ação sobre o corpo, produzindo uma figura que socialmente não se inclui nas categorias tradicionais das próprias ciências médicas e psicológicas. Elas fazem usos “travestidos” destas ciências, desordenando os processos repressivos da qual a Medicina é um dos produtos e produtores, como se “o feitiço virasse contra o feiticeiro”; apropriam-se destes conhecimentos com o intuito de subverter a ordem natural que governa os saberes médicos. Este grupo recupera para si os conhecimentos e tecnologias médicas e, a partir de sua interpretação e ressignificação, produzem uma série de práticas, princípios e normas para moldar e incorporar o feminino (BENEDETTI, 2000, p.59).

3.2.2 Circuitos da Prostituição

Os investimentos corporais dos quais tratamos anteriormente, atravessam as questões que serão abordadas nesse momento. É no espaço de prostituição que as

travestis expõem seus atributos corporais como forma de seduzir os clientes e é também nesse espaço que elas constituem-se para além do “montar-se”, estabelecendo relações pessoais, profissionais e também de disputas. A prostituição baliza-se por essas relações que acontecem de diferentes formas, sejam elas amigáveis ou hostis.

Nos artigos usados, encontramos escritas que discorrem a respeito das práticas que permeiam a prostituição e suas implicações no que tange às vivências das travestis nesses espaços. As esquinas e quadras são os lugares mais comuns onde as encontramos e servem de cenário para importantes aprendizados e trocas entre elas. A introdução de uma travesti nas zonas de prostituição é feita, normalmente, por outra travesti mais experiente e conhecedora da dinâmica do espaço.

As relações que se estabelecem entre as travestis fazem surgir além de formas nos corpos, aprendizagens gestuais e morais que remetem ao universo feminino. Apresentam-lhes o *bajubá*, que é uma linguagem própria desse universo e, nesses termos, os modos de seduzir e conhecer os diferentes tipos de clientes, descobrindo suas preferências, o que, no momento do programa, pode vir a facilitar a negociação. Em uma das produções lidas, as travestis que participaram do estudo demarcam quem são esses clientes.

O que é ser uma “maricona”? O termo já foi usado para classificar homens efeminados e mais velhos, mas para os grupos de travestis que participam dessa pesquisa é uma espécie de xingamento, uma ofensa dirigida a certos tipos de homens – aqueles que até passariam por “homens de verdade” na vida pública, mas que na privacidade das práticas sexuais escapam para o desprestigiado pólo feminino. [...] O “penoso” é o cliente que nunca tem dinheiro, estampa essa carência em suas roupas e meio de transporte – a pé, bicicleta, moto, carros velhos –, no geral, são trabalhadores braçais, que pertencem à mesma classe social das travestis, comungando valores e representações sobre sexualidade e papéis de gênero, o que, teoricamente, tornaria a negociação – a chamada “entrevista” – mais fácil, não fosse barreira financeira, que o coloca em condição desprestigiada. No entanto, esses clientes têm aparência mais máscula, o que agrada grande parte das travestis do grupo pesquisado. É raro pedirem para “fazer passivo”, pois operam em um sistema de sexo/gênero que entende o verdadeiro homem como aquele que não faz sexo anal, mesmo quando em relação com um outro homem. O “penoso” pode ser um jovem ou um senhor, pois sua classificação se dá, sobretudo, a partir de seus atributos materiais. O “varejão” é normalmente um rapaz com performance mais ousada, arrisca-se mais, tenta passar as mãos nas travestis, pede para ver partes de seus corpos, como os seios e o pênis, podendo ser rechaçado e mesmo agredido verbal ou fisicamente. Por ser mais jovem, muitas vezes, não tem renda própria,

mesmo que tenha não é suficiente para esse tipo de gasto. Como o “penoso”, ele também pechincha. [...] o “varejão” é geralmente bonito e acha essa qualidade suficientemente sedutora para que a travesti queira fazer sexo com ele sem cobrar. [...] O “truque” é um tipo mais escorregadio, exatamente porque é capaz de enganá-las, ao aparentar um poder aquisitivo elevado, prometem um pagamento que não poderão cumprir. Esse é o tipo mais “perigoso”, pois não se sabe o que esperar dele (PELÚCIO, 2005, p.238).

O início da batalha³⁸ é, muitas vezes, como pontuado anteriormente, mediado por outra travesti, conhecida como cafetina³⁹. Por sua influência, ela faz com que a chegada das mais novas nos pontos de prostituição seja menos perigosa. Ela é uma espécie de madrinha que garante a proteção das travestis nos domínios da rua, já previamente demarcados. Entretanto, isso não significa que as travestis não estejam suscetíveis a sofrer violências de quaisquer naturezas e também não significa que elas não possam se defender e, inclusive, atacar.

Alguns dos estudos que compuseram nosso corpus de análise tratam de explicitar o panorama da prostituição no que diz respeito aos crimes contra as travestis e também os que por elas são cometidos. Em se tratando de serem as vítimas, os cenários são predominantemente as ruas e os crimes caracterizados como de execução⁴⁰, por arma de fogo e todos, sem exceção, foram “arquivados” (CARRARA; VIANNA, 2006). Esses dados demonstram, em especial o último, o descaso da polícia em encontrar os responsáveis pelas mortes das travestis.

A indiferença policial na apuração da maior parte desses crimes parece encontrar eco nas representações negativas de travestis como homossexuais especialmente desajustados, de modo que sua

³⁸ Termo êmico utilizados pelas travestis para fazerem referência à prostituição (BORBA, 2009).

³⁹ A cafetina é uma travesti mais velha, que mantém uma espécie de pensão, quase sempre exclusiva para travestis. É ela que garante a inserção menos perigosa nos pontos de prostituição, por ser uma figura respeitada, devido à idade e/ou à força empregada. O termo cafetina no universo travesti tem uma conotação diferente na prostituição feminina (GARCIA, 2009).

⁴⁰ Foram classificados como casos de execução os assassinatos em que não havia indicativos de que vítima e acusado mantivessem relações regulares ou em que a motivação para o crime não estivesse ligada à consecução de lucro imediato através do roubo de algum pertence (CARRARA; VIANNA, 2006, p.236).

morte, em geral em idade bem inferior do que a das vítimas de latrocínio, tende a ser tomada por policiais como consequência de um modo de vida constantemente próximo da ilegalidade e que é recebida com poucas pressões, sobretudo familiares, por sua apuração e por justiça (IDEM, p.245).

As travestis, frente à sociedade, são vistas como sujeitos perigosos. Essa imagem foi construída devido à forma como elas foram ocupando os espaços públicos no decorrer do tempo, muitas vezes, às custas de sua força física. Segundo Silva (apud FERREIRA, 2009), as décadas de 50 e 60 foram, para as travestis, marcadas por agressões, medo e prisões. Por isso, constam registros de enfrentamentos entre elas e aqueles que as ameaçavam. Esse cenário repete-se nos dias de hoje, onde as travestis são agredidas, mas, também, agressoras.

Os territórios de prostituição são povoados por diferentes sujeitos e alguns dos artigos com os quais nos encontramos trouxeram essa circulação e, também, a descrição de momentos protagonizados pelas travestis. Consta o medo de moradores e a necessidade da mudança de hábitos, como sentar na porta de suas casas, ao se aproximar o anoitecer. Isso porque, muitas vezes, tornam-se expectadores da troca de roupa das travestis, sem sequer poderem demonstrar insatisfação publicamente, principalmente, por sentirem-se acuados. Ferreira (2009) traz a voz de um morador:

[...] as travestis chegam a intimidar aqueles que suspeitam serem seus delatores, ora de forma verbal, ora quebrando vidros das janelas e/ou da porta da residência dos denunciante a pedradas (p.42).

Também são comuns os desentendimentos entre as travestis e os clientes, muitas vezes, em função dos "enganos" cometidos por eles. Em linhas gerais, isso significa que, ao contratarem os serviços, pensaram que elas eram mulheres. O procedimento policial com as travestis, frente a alguns casos, tem sido fazer advertências verbais. Entretanto, de acordo com as travestis, mantêm-se o sexo compulsório e gratuito com os "homens da lei", ditos mais "safados" que os bandidos e que elas mesmas, pois propõem sexo em troca de liberdade (FERREIRA, 2009).

Notamos que é, especialmente, desses cenários que as transexuais querem se desvincular ao reivindicarem uma nomeação diferente das travestis. As primeiras veem a necessidade de separarem-se da imagem de violência, marginalidade e prostituição a que, comumente, estão associadas às últimas. Além disso, as transexuais por sentirem-se "vítimas da natureza", entendem sua conduta como ilibada, não sendo, por isso, alvo de discriminações, como acontece com as travestis, dado seus comportamentos serem socialmente caracterizados enquanto desvios, no caso, morais (ZAMBRANO, 2006).

Estamos, aqui, tomando a discriminação contra as travestis enquanto violência. Não só pelo fato das próprias transexuais insistirem em demarcarem essas fronteiras, mas também levando em consideração todo um contexto social. As interações nesse espaço acabam por atravessar a experiência das travestis e os investimentos feitos sobre si mesmas, especialmente, àqueles que dizem respeito à modificação de seus corpos e, como num processo, esses não se dão sem consequências. Nas palavras de Ferreira (2009):

Participando de uma sociedade patriarcal em que os valores e os papéis sociosexuais estão historicamente bem definidos para homens e para mulheres, o corpo andrógino das travestis passa a constituir fonte de preconceito, com efeito direto sobre a cidadania desse segmento. Desse modo, a inserção no mercado de trabalho se dá de maneira precária [...]. Para aquelas provenientes de famílias mais pobres, a prostituição se coloca como uma das poucas alternativas de geração de renda, se não a mais recorrente. Diante desse contexto, as travestis são duplamente discriminadas, seja por violarem o sistema de sexo e gênero, seja por se prostituírem nas áreas nobres ou depreciadas dos grandes centros urbanos [...] (p.38).

O preconceito e discriminação direcionados, por vezes, mais intensamente, às travestis, podem ser entendidos, a partir de manifestações de extrema violência, expressas em relações com a polícia, clientes e, até mesmo, entre as próprias travestis. Como já pontuado, os crimes que envolvem, em especial, àquelas nomeadas de travestis, em sua grande maioria, ficam impunes e as motivações, seriam justificadas, principalmente, pelo entendimento de que as travestis excedem às classificações normativas associadas ao gênero e sexualidade presentes na sociedade (GARCIA, 2009).



4. Palavras quase finais

4. Palavras quase finais

Iniciamos o fim assumindo nossa impossibilidade de demonstrar, de forma delimitada, nessas linhas, as redes e implicações em que se encontram envolvidos o processo de nomeação e prostituição de travestis e transexuais. Ousamos dizer que, apesar de optarmos pela organização em linhas análise e de as apresentarmos a partir de subtítulos, para que fosse possível entender o que destacamos em cada um, estamos cientes de que não aconteçam assim, separadamente. Nesse momento, também nos dedicaremos a fazer alguns apontamentos, que dizem respeito ao que tomamos enquanto dispersões. Tratam-se daquelas escritas que sugerem movimentos contrários aos que apontamos na nomeação e também na prostituição. Por fim, identificamos alguns investimentos, que surgiram a partir dos nossos encontros, mas que não foram possíveis serem tratados nesse estudo.

Nomeação e prostituição nos parecem dois movimentos de fronteiras tênues, que se atravessam e se fundem, não sem intenções, não sem consequências. Olhar a prostituição e nela enxergar a nomeação, bem como olhar a nomeação e nela enxergar a prostituição, pode funcionar como exemplos. Da mesma forma, a ausência da prostituição transexual nos artigos que compuseram o corpus de análise pode não significar que entre elas não haja tal prática. Inclusive, a suspeita que levantamos em relação a existência da prostituição transexual, a partir dos artigos científicos, ganha forças quando olhamos para o campo informal, ao qual tivemos acesso e também para sites e blogs. Por isso, a proposta de deslocarmos nosso olhar, centrado até então na prostituição, para também incluirmos a nomeação.

As transexuais que assim se anunciam, por exemplo, podem, em algum outro momento, não terem demonstrado insatisfação com seu órgão genital, a ponto de utilizá-lo em relações sexuais, no âmbito pessoal ou profissional. É possível que a transexual de hoje, seja a travesti de ontem e o contrário também pode ser verdadeiro. Entendemos, a partir disso, que as relações que constituem as travestis e transexuais funcionam sem a pretensão de encaixarem-se numa norma, elas fluem, flexibilizam, transgridem. Entretanto, os investimentos presentes nas escritas a que tivemos acesso buscam demarcar quem é quem e quais as condições e critérios utilizados para que possamos colocá-las nos domínios travestis ou transexuais.

Em estudos dos artigos, foi possível identificar que a preocupação em anunciar e legitimar sua condição parece prover muito mais da parte das transexuais. Essas iniciativas sugerem que elas buscam desvincular-se das imagens associadas à marginalidade e prostituição, nesses termos, vinculadas às travestis. A necessidade de nomeação, de demarcação, parece demonstrar o quanto elas, transexuais, encontram-se interpeladas pelos saberes científicos, que produtores de verdades, parecem estar autorizados a emitirem tais pareceres.

Contudo, mas em menor escala, encontramos escritas científicas, que são operadas, a partir de outros entendimentos. Nelas, encontramos a voz de transexuais que não desejam a extirpação do pênis e travestis que consideram a prostituição uma alternativa de ascensão social. Mesmo enquanto dispersões demonstram o quão potentes podem ser esses argumentos, os quais, parecem funcionar como linhas de fuga da organização, pretendida, insistentemente, pelas recorrências.

Então, quer dizer, que nem todas as transexuais vivem uma relação de horror com seu órgão genital, a ponto de desejarem, como condição de sobrevivência, intervir sobre ele? É possível, têm-se registros a este respeito. Ainda que a demanda pela cirurgia seja motivada pela adequação do corpo sexuado ao gênero, em um de nossos artigos, é apresentada a experiência do Programa Interdisciplinar de Assistência a Pacientes Transexuais e Cirurgia de Transgenitalização do Hospital Universitário da UFRJ, onde notamos que:

[...] o acompanhamento cotidiano da diversidade das trajetórias sexuais e subjetivas nos permitiriam perceber que não necessariamente "todas" as transexuais desejam a extirpação do pênis e a construção do canal vaginal para a realização do sexo genital "normal". Várias já estabelecem uma relação sexual e afetiva satisfatória, sendo a cirurgia apenas um entre outros atributos para a construção do gênero. Neste sentido, para algumas pessoas "a cirurgia é imprescindível", outras "podem esperar" e ainda outras "podem desistir" da cirurgia sem "deixarem de ser transexuais" (ARAN; ZAIDAHAF; MURTA, 2008, p. 74).

O excerto acima acaba por ilustrar nossas percepções de que os sujeitos aos quais nos referimos apresentam relações e condutas ilimitadas. Explicita-se aqui, um

desvio no entendimento do ser transexual apresentado na maioria das escritas a que tivemos acesso. Isso porque, o "divisor de águas", responsável por demarcar e legitimar quem é nomeado como tal, inviabiliza-se diante do que vimos.

O mesmo acontece quando nos deparamos com a possibilidade da prostituição travesti ser vista enquanto atividade glamourosa, passível de respeito e promoção social desses sujeitos. Esse panorama difere-se das construções sobre as quais discorremos, que as vinculavam, exclusivamente, à violência e marginalidade. A experiência de três irmãos homossexuais, presente no estudo de Jimenez e Adorno (2009), exemplifica o panorama a que fizemos referência. Os autores identificam as dificuldades financeiras por eles atravessadas em função dos baixos salários, o que impossibilitava sobreviverem dignamente. Além disso, mencionam o rechaço social e a discriminação a que estavam expostos na fábrica em que trabalhavam.

[...] a travestilidade foi descrita com glamour, um verdadeiro processo de ascensão ao poder que possibilitou deixar para trás a malfadada e estigmatizada homossexualidade, com suas carcaças de frango e o medo de apanhar na rua (IDEM, p. 355).

Na mesma esteira, o processo é descrito, a partir das palavras de uma das irmãs travestis:

Eu nunca tinha me imaginado vestida de mulher, mas você vai na rua e vê as travestis e aqueles homens lindos em volta delas, entendeu? Em volta, em volta implorando um carinho, né? Já o gay não, o gay se subir num ônibus e encarar alguém, ele é gay, corre até o risco de apanhar, ser humilhado. A travesti é mais respeitada, tanto pelos homens como pela sociedade (S., p. 355).

É possível observar que nos encontramos numa via de mão dupla, já que tanto o ser travesti quanto a prostituição contemplam entendimentos contrários e que ao mesmo tempo coexistem entre os artigos que tomamos como corpus de análise e que são parte dos saberes científicos.

Unânime nos parecem ser, os espaços em que está localizada a prostituição travesti. Dizemos isso, baseadas nas imagens descritas pelos autores com os quais dialogamos e pautados em nossas próprias observações, registradas em diários de campo, como parte de um estudo anterior⁴¹, realizado com mulheres profissionais do sexo do município de Rio Grande. Naquele momento, foi possível notar que as mulheres com as quais tivemos contato, exerciam a prostituição em casas fechadas, em boates e, quando nas ruas, tratava-se de um lugar bem específico, os postos de combustíveis localizados as margens da BR-392. Diante dessas colocações, é possível considerar que as travestis estão nas ruas, nas esquinas, nas zonas centrais e periféricas, nos espaços públicos.

Historicamente, como já pontuamos, não era esse o panorama que se apresentava. As travestis evitavam as ruas para que fosse preservada sua integridade física. As linhas de Silva (apud FERREIRA, 2009) explicitam essa condição, quase reclusa em que deveriam viver, visto que eram agredidas:

[...] se ousavam sair às ruas. Eram presos [as] por atentado ao pudor. Viviam espantados [as] e amedrontados [as] [...] (p. 41).

Nessas condições, as zonas de prostituição eram ocupadas pelas mulheres. A trajetória no GAPA-RG possibilita atestar a veracidade dessas informações. Houve um tempo, não muito remoto, em que as ruas do centro de Rio Grande, eram ocupadas por mulheres que se prostituíam, elas dividiam as esquinas com as travestis, mas, naquele momento, apresentavam-se em maior número. Entretanto, atualmente, esses mesmos espaços, estão, quase exclusivamente, tomados pelas travestis, enquanto as mulheres exercem a prostituição em locais mais reservados. As questões que envolvem o movimento das mulheres do público para o privado e das travestis do privado para o público, nos parecem ser potentes para investimentos futuros. Lançamos algumas indagações, tais como: Existiam relações entre elas nesses espaços? De que tipo? Em

⁴¹ BRUM, Indira S. *"Eu saio do sexo, mas o sexo não sai de mim"*: a produção dos corpos prostituídos das mulheres profissionais do sexo. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura em Educação Física) - Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande, FURG. Rio Grande, 2010.

que condições aconteceram a migração das mulheres e o domínio das travestis nas zonas públicas de prostituição?

O deslocamento que propomos para esse estudo, envolvendo a nomeação, se deu pela ausência da prostituição transexual. Por isso, foram necessárias outras buscas, a partir de outros termos, considerando os demarcadores da nomeação e, paralelamente, a prostituição. Nesse movimento de pesquisa, nos encontramos com o corpus de análise, foi possível observar que as escritas que dizem respeito às transexuais e à demanda do processo transgenitalizador, fazem, quase exclusivamente, referência às mulheres transexuais. Os homens transexuais não tiveram suas vozes presentes nesses estudos. Os únicos sinais que temos de sua existência, são quando mencionadas a resolução do Conselho Federal de Medicina (CFM) que mantém o caráter experimental da cirurgia de "neofaloplastia", nome técnico da cirurgia que constrói o pênis, por motivos de "complexidade técnica" em relação ao procedimento e sua "funcionalidade" sexual (BARBOSA, 2013). Ainda em termos legais:

Em 2010, a Resolução nº 1.955 do CFM retirou o caráter experimental dos procedimentos de retiradas de mamas, ovários e útero requeridos por homens transexuais. A sua inclusão na Portaria se deu por vinculação com o termo "transexualismo", embora nesse caso a cirurgia de construção peniana seja opcional, em função da "baixa" funcionalidade conseguida com as tecnologias cirúrgicas atuais. Não é adotado, no caso de pessoas distinguidas ao nascer como mulheres e que se constroem como homens, o termo travesti, com a "consequente" diferenciação em relação ao termo transexual baseado na cirurgia. Desta forma, querer ou não querer um pênis não se torna o critério de acesso ao sistema de saúde (ALMEIDA, apud BARBOSA, 2013, p.360).

As atenções voltadas aos homens transexuais estiveram relacionadas às questões acerca das cirurgias e pontuadas de forma breve. Essa quase ausência lança-nos a dúvidas, do tipo: existem homens transexuais? Porque eles não têm visibilidade se comparados às mulheres transexuais? Seria inédito um estudo que se dedicasse aos homens transexuais que requerem a cirurgia? Haveria originalidade num investimento a eles direcionado?

Esses são alguns apontamentos, os quais poderiam disparar outros estudos, a partir de diferentes possibilidades, utilizando ferramentas metodológicas distintas. Assumimos que, talvez, não tenhamos dado conta de responder as indagações que fizemos para esse momento e que as nossas considerações estiveram baseadas em parte do que já foi produzido sobre o tema. Lidamos com a realidade anunciada inicialmente, estamos nos referindo, às dificuldades de acesso às travestis/transsexuais que se prostituem, às suas redes, aos significados que atribuem à nomeação e à prostituição. Com isso, há uma demanda por investigações junto a elas, sobretudo, para que possamos dar voz as suas narrativas e, a partir delas, tecermos entendimentos acerca de algumas questões que atravessam esse universo. Tomamos esse ponto final em caráter provisório. Isso porque, estamos considerando outras questões com as quais fomos nos encontrando e a potencialidade presente nessas discussões, que por escolhas pessoais e razões temporais, não foram privilegiadas nas linhas percorridas.



5. Referências

5. Referências

BARBOSA, Bruno C. "Doidas e putas": uso das categorias travesti e transexual. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), n. 14, p. 352-379, ago. 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 322 p.

BENEDETTI, Marcos R. Hormonizada! Reflexões sobre o uso de hormônios e tecnologia do gênero entre travestis que se prostituem em Porto Alegre. In: FÁBREGAS-MARTÍNEZ, Ana I.; BENEDETTI, Marcos R. (Org.). **Na batalha**: identidade, sexualidade e poder no universo da prostituição. Porto Alegre: Dacasa, 2000, p. 47-62.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, José J. A travesti e o seu duplo: uma aproximação inicial. In: BÖER, Alexandre (Org.); ZAMBRANO, Elizabeth; GOMES, José J.; TERTO Jr., Veriano. **Construindo a igualdade**: a história da prostituição de travestis em Porto Alegre. Porto Alegre: 2003, p. 21-30.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria C. S. (Org.); DESLANDES, Suely F.; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2012, p.79-108.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102p.

HENNING, Paula C. Profanando a Ciência: relativizando seus saberes, questionando suas verdades. **Currículo sem fronteiras**, v. 7, n. 2, p. 158-184, jul./dez. 2007.

LEITE Jr., Jorge. **Nossos corpos também mudam**: a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico. São Paulo: Annablume, 2011. 265 p.

LIMA, Telma C. S.; MIOTO, Célia T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007.

SANTOS, Boaventura S. **Um discurso sobre as ciências**. 12ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 2001. 59 p.

SHAKESPEARE, William. **Otelo**: o mouro de Veneza. 2000. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/otelo.html>. Acesso em: 22 jan. 2014.

Fontes

ARÁN, Márcia; Zaidhaft, Sérgio; Murta, Daniela. Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva. **Psicologia e Sociedade**, v. 20, n. 1, p. 70-79, abr. 2008.

BORBA, Rodrigo; OSTERMANN, Ana C. Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 2, p. 409-432, ago. 2008.

BORBA, Rodrigo. Discurso e (trans)identidades: interação, intersubjetividade e acesso à prevenção de DST/AIDS entre travestis. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 9, n. 2, p. 441-473, 2009.

CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana R. B. "Tá lá o corpo estendido no chão...": a violência letal contra travestis no município do Rio de Janeiro. **Physis**, v. 16, n. 2, p. 233-249, 2006.

CASTEL, Pierri-Henri. Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do "fenômeno transexual" (1910-1995). **Revista Brasileira de História**, v. 21, n. 41, p. 77-111, 2001.

CHIDIAC, Maria T. V.; OLTRAMARI, Leandro C. Ser e estar *drag queen*: um estudo sobre a configuração da identidade queer. **Estudos de Psicologia** (Natal), v. 9, n. 3, dez. 2004.

FERREIRA, Rubens da S. A informação social no corpo travesti (Belém, Pará): uma análise sob a perspectiva de Erving Goffman. **Ciência da Informação**, v. 38, n. 2, p. 35-45, ago. 2009.

FIGUEIREDO, Adrianna. "Se pudesse ressurgir, viria como o vento". Narrativas da dor: corporalidade e emoções na experiência da travestilidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), n. 8, p. 90-112, ago. 2011.

FRANÇA, Isadora L. "Cada macaco no seu galho?": poder, identidade e segmentação de mercado no movimento homossexual. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 21, n. 60, p. 104-115, fev. 2006.

GARCIA, Marcos R. V. Alguns aspectos da construção do gênero entre travestis de baixa renda. **Psicologia USP**, v. 20, n. 4, p. 597-618, dez. 2009.

JIMENEZ, Luciene; ADORNO, Rubens C. F. O sexo sem lei, o poder sem rei: sexualidade, gênero e identidade no cotidiano travesti. **Cadernos Pagu**, n. 33, p. 343-367, dez. 2009.

LIONÇO, Tatiana. Que direito à saúde para a população GLBT? Considerando direitos humanos, sexuais e reprodutivos em busca da integralidade e da equidade. **Saúde e sociedade**, v. 17, n. 2, p. 11-21, jun. 2008.

MELLO, Luiz; et al. Políticas de saúde para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil: em busca de universalidade, integralidade e equidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), n. 9, p. 7-28, dez. 2011.

MULLER, Magnor I.; KNAUTH, Daniela R. Desigualdades no SUS: o caso do atendimento às travestis é 'babado'! **Cadernos EBAPE.BR**, v. 6, n. 2, p. 01-14, jun. 2008.

PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu**, n. 25, p. 217-248, dez. 2005.

ROMANO, Valéria F. As travestis no Programa de Saúde da Família da Lapa. **Saúde e sociedade**, v. 17, n. 2, p. 211-219, jun. 2008.

SANTOS, Jocélio T. "Incorrigíveis, afeminados, desenfreados": indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. **Revista de Antropologia**, v. 40, n. 2, p. 145-182, 1997.

TUSSI, Fernanda P. Toda feita: o corpo e o gênero das travestis. **Horizontes Antropológicos**, v. 12, n. 26, p. 323-327, dez. 2006.

ZAMBRANO, Elizabeth. Parentalidades "impensáveis": pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. **Horizontes Antropológicos**, v. 12, n. 26, p. 123-147, dez. 2006.



6. Anexos

6. Anexos

ARTIGOS ENCONTRADOS NA BIBLIOTECA ELETRÔNICA SCIELO

Termo de busca – **Travesti**

Resultados → **20**

01	Borba, Rodrigo. Intertext(sex)ualidade: a construção discursiva de identidades na prevenção de DST/AIDS entre travestis. <i>Trab. linguist. apl.</i> , Jun 2010, vol.49, no.1, p.21-37. ISSN 0103-1813
02	Espanhol
03	Espanhol
04	Carvalho, Mario Felipe de Lima. Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico. <i>Sex., Salud Soc. (Rio J.)</i> , Dez 2012, no.12, p.258-263. ISSN 1984-6487
05	Mello, Luiz et al. Políticas de saúde para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil: em busca de universalidade, integralidade e equidade. <i>Sex., Salud Soc. (Rio J.)</i> , Dez 2011, no.9, p.7-28. ISSN 1984-6487
06	Carvalho, Mario Felipe de Lima. A (im)possível pureza: medicalização e militância na experiência de travestis e transexuais. <i>Sex., Salud Soc. (Rio J.)</i> , Ago 2011, no.8, p.36-62. ISSN 1984-6487
07	Peres, Wiliam Siqueira. Travestilidades nômades: a explosão dos binarismos e a emergência queering. <i>Rev. Estud. Fem.</i> , Ago 2012, vol.20, no.2, p.539-547. ISSN 0104-026X
08	Duque, Tiago. Reflexões teóricas, políticas e metodológicas sobre um morrer, virar e nascer travesti na adolescência. <i>Rev. Estud. Fem.</i> , Ago 2012, vol.20, no.2, p.489-500. ISSN 0104-026X
09	Borba, Rodrigo and Ostermann, Ana Cristina Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical. <i>Rev. Estud. Fem.</i> , Ago 2008, vol.16, no.2, p.409-432. ISSN 0104-026X
10	MALUF, SÔNIA WEIDNER. Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. <i>Rev. Estud. Fem.</i> , Jan 2002, vol.10, no.1, p.143-153. ISSN 0104-026X
11	Próchno, Caio César Souza Camargo and Rocha, Rita Martins Godoy O jogo do nome nas subjetividades travestis. <i>Psicol. Soc.</i> , Ago 2011, vol.23, no.2, p.254-261. ISSN 0102-7182
12	Inglês
13	Ferreira, Rubens da Silva. A informação social no corpo travesti (Belém, Pará): uma análise sob a perspectiva de Erving Goffman. <i>Ci. Inf.</i> , Ago 2009, vol.38, no.2, p.35-45. ISSN 0100-1965
14	Souza, Alberto Carneiro Barbosa de. Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. <i>Ciênc. saúde coletiva</i> , Ago 2009, vol.14, no.4, p.1309-1310. ISSN 1413-8123
15	Trigo, Luiz Gonzaga Godoi. Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. <i>Cad. Saúde Pública</i> , Set 2008, vol.24, no.9, p.2195-2196. ISSN 0102-311X

16	Veras, Elias Ferreira. <i>Nossos corpos também mudam - a invenção das categorias "travesti" e "transsexual" no discurso científico</i> , Jorge Leite Júnior. <i>Cad. Pagu</i> , Jun 2013, no.40, p.369-375. ISSN 0104-8333
17	Jimenez, Luciene and Adorno, Rubens C. F. O sexo sem lei, o poder sem rei: sexualidade, gênero e identidade no cotidiano travesti . <i>Cad. Pagu</i> , Dez 2009, no.33, p.343-367. ISSN 0104-8333
18	Teixeira, Flávia do Bonsucesso. <i>L'Italia dei Divieti: entre o sonho de ser européia e o babado da prostituição</i> . <i>Cad. Pagu</i> , Dez 2008, no.31, p.275-308. ISSN 0104-8333
19	Pelúcio, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti . <i>Cad. Pagu</i> , Dez 2005, no.25, p.217-248. ISSN 0104-8333
20	Muller, Magnor Ido and Knauth, Daniela Riva Desigualdades no SUS: o caso do atendimento às travestis é 'babado'! . <i>Cad. EBAPE.BR</i> , Jun 2008, vol.6, no.2, p.01-14. ISSN 1679-3951

Termo de busca – **Travestis**

Resultados → **48**

01	Idem 01 travesti
02	Lemaitre Ripoll, Julieta. O amor em tempos de cólera: direitos LGTB na Colômbia. <i>Sur, Rev. int. direitos human.</i> , Dez 2009, vol.6, no.11, p.78-97. ISSN 1806-6445
03	Prado, Marco Aurélio Máximo and Costa, Frederico Alves Estratégia de articulação e estratégia de aliança: possibilidades para a luta política. <i>Soc. estado.</i> , Dez 2011, vol.26, no.3, p.685-720. ISSN 0102-6992
04	Espanhol
05	Leite Jr, Jorge. Montagens e desmontagens - desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes. <i>Sex., Salud Soc. (Rio J.)</i> , Abr 2012, no.10, p.165-168. ISSN 1984-6487
06	Idem 05 travesti
07	Figueiredo, Adrianna. "Se pudesse ressurgir, viria como o vento". Narrativas da dor: corporalidade e emoções na experiência da travestilidade. <i>Sex., Salud Soc. (Rio J.)</i> , Ago 2011, no.8, p.90-112. ISSN 1984-6487
08	Idem 06 travesti
09	Pelúcio, Larissa. Marcadores sociais da diferença nas experiências travestis de enfrentamento à aids. <i>Saude soc.</i> , Mar 2011, vol.20, no.1, p.76-85. ISSN 0104-1290
10	Silva, Silvia Moreira da et al. Redução de danos: estratégia de cuidado com populações vulneráveis na cidade de Santo André - SP. <i>Saude soc.</i> , Jun 2009, vol.18, suppl.2, p.100-103. ISSN 0104-1290
11	Romano, Valéria Ferreira. As travestis no Programa Saúde da Família da Lapa. <i>Saude soc.</i> , Jun 2008, vol.17, no.2, p.211-219. ISSN 0104-1290
12	Lionço, Tatiana. Que direito à saúde para a população GLBT? Considerando direitos humanos, sexuais e reprodutivos em busca da integralidade e da equidade. <i>Saude soc.</i> , Jun 2008, vol.17, no.2, p.11-21. ISSN 0104-1290
13	Ministério da Saúde, Departamento de Apoio à Gestão Participativa, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Saúde da população de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. <i>Rev. Saúde Pública</i> , Jun 2008, vol.42, no.3, p.570-573. ISSN 0034-8910
14	Benzaken, Adele Schwartz et al. Intervenção de base comunitária para a prevenção das DST/Aids na região amazônica, Brasil. <i>Rev. Saúde Pública</i> , Dez 2007, vol.41, suppl.2, p.118-126. ISSN 0034-8910
15	Santos, Jocélio Teles dos. "Incorrigíveis, afeminados, desenfreitados": indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. <i>Rev. Antropol.</i> , 1997, vol.40, no.2, p.145-182. ISSN 0034-7701
16	Espanhol
17	Pelúcio, Larissa. Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. <i>Rev. Estud. Fem.</i> , Set 2006, vol.14, no.2, p.522-534. ISSN 0104-026X
18	Leite Junior, Jorge. Transitar para onde?: monstruosidade, (des)patologização, (in)segurança social e identidades transgêneras. <i>Rev. Estud. Fem.</i> , Ago 2012, vol.20, no.2, p.559-568. ISSN 0104-026X

19	Idem 07 travesti
20	Carrizo, Gilson Goulart. Poses, posses e cenários: as fotografias como narrativas da conquista da Europa. <i>Rev. Estud. Fem.</i> , Ago 2012, vol.20, no.2, p.525-538. ISSN 0104-026X
21	Idem 08 travesti
22	Mortimer-Sandilands, Catriona. Paixões desnaturadas? Notas para uma ecologia queer. <i>Rev. Estud. Fem.</i> , Abr 2011, vol.19, no.1, p.175-195. ISSN 0104-026X
23	Idem 09 travesti
24	Moutinho, Laura. Negociando com a adversidade: reflexões sobre "raça", (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro. <i>Rev. Estud. Fem.</i> , Abr 2006, vol.14, no.1, p.103-116. ISSN 0104-026X
25	Borba, Rodrigo. Discurso e (trans)identidades: interação, intersubjetividade e acesso à prevenção de DST/AIDS entre travestis. <i>Rev. bras. linguist. apl.</i> , 2009, vol.9, no.2, p.441-473. ISSN 1984-6398
26	Dessunti, Elma Mathias et al. Convivendo com a diversidade sexual: relato de experiência. <i>Rev. bras. enferm.</i> , Jun 2008, vol.61, no.3, p.385-389. ISSN 0034-7167
27	França, Isadora Lins. "Cada macaco no seu galho?": poder, identidade e segmentação de mercado no movimento homossexual. <i>Rev. bras. Ci. Soc.</i> , Fev 2006, vol.21, no.60, p.104-115. ISSN 0102-6909
28*	Giongo, Carmem Regina, Menegotto, Lisiane Machado De Oliveira and Petters, Simone Travestis e transexuais profissionais do sexo: implicações da Psicologia. <i>Psicol. cienc. prof.</i> , 2012, vol.32, no.4, p.1000-1013. ISSN 1414-9893
29	Garcia, Marcos Roberto Vieira. Alguns aspectos da construção do gênero entre travestis de baixa renda. <i>Psicol. USP</i> , Dez 2009, vol.20, no.4, p.597-618. ISSN 0103-6564
30	Toledo, Lívia Gonsalves and Pinafi, Tânia A clínica psicológica e o público LGBT. <i>Psicol. clin.</i> , 2012, vol.24, no.1, p.137-163. ISSN 0103-5665
31	Idem 11 travesti
32	Borba, Rodrigo. Interconexões entre Linguística Aplicada e práticas de atenção à saúde: linguagem e identidades na prevenção de DSTs/Aids entre travestis profissionais do sexo. <i>Physis</i> , Dez 2011, vol.21, no.4, p.1369-1400. ISSN 0103-7331
33	Lionço, Tatiana. Atenção integral à saúde e diversidade sexual no Processo Transexualizador do SUS: avanços, impasses, desafios. <i>Physis</i> , 2009, vol.19, no.1, p.43-63. ISSN 0103-7331
34	Carrara, Sérgio and Vianna, Adriana R. B. "Tá lá o corpo estendido no chão...": a violência letal contra travestis no município do Rio de Janeiro. <i>Physis</i> , 2006, vol.16, no.2, p.233-249. ISSN 0103-7331
35	Tussi, Fernanda Pivato. Toda feita: o corpo e o gênero das travestis. <i>Horiz. antropol.</i> , Dez 2006, vol.12, no.26, p.323-327. ISSN 0104-7183
36	Zambrano, Elizabeth. Parentalidades "impensáveis": pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. <i>Horiz. antropol.</i> , Dez 2006, vol.12, no.26, p.123-147. ISSN 0104-7183
37	França, Isadora Lins. Identidades coletivas, consumo e política: a aproximação entre mercado GLS e movimento GLBT em São Paulo. <i>Horiz. antropol.</i> , Dez 2007, vol.13, no.28, p.289-311. ISSN 0104-7183

38	Goldenberg, Mirian. O gênero das travestis: corpo e sexualidade na cultura brasileira. <i>Hist. cienc. saude-Manguinhos</i> , Dez 2009, vol.16, no.4, p.1115-1119. ISSN 0104-5970
39	Rodrigues, Rita de Cássia Colaço. Homofilia e homossexualidades: recepções culturais e permanências. <i>História</i> , Jun 2012, vol.31, no.1, p.365-391. ISSN 0101-9074
40	Chidiac, Maria Teresa Vargas and Oltramari, Leandro Castro Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. <i>Estud. psicol. (Natal)</i> , Dez 2004, vol.9, no.3, p.471-478. ISSN 1413-294X
41	Idem 13 travesti
42	Bento, Berenice. Sexualidade e experiências trans: do hospital à alcova. <i>Ciênc. saúde coletiva</i> , Out 2012, vol.17, no.10, p.2655-2664. ISSN 1413-8123
43	Andrade, Sonia Maria Oliveira de et al. Vulnerabilidade de homens que fazem sexo com homens no contexto da AIDS. <i>Cad. Saúde Pública</i> , Fev 2007, vol.23, no.2, p.479-482. ISSN 0102-311X
44	Leite Jr, Jorge. Labirintos conceituais científicos, nativos e mercadológicos: pornografia com pessoas que transitam entre os gêneros. <i>Cad. Pagu</i> , Jun 2012, no.38, p.99-128. ISSN 0104-8333
45	Idem 17 travesti
46	Idem 18 travesti
47	Idem 19 travesti
48	Idem 20 travesti

Termo de busca: **Transexual**

Resultados → 11

01	Carvalho, Mario Felipe de Lima. Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico. <i>Sex., Salud Soc. (Rio J.)</i> , Dez 2012, no.12, p.258-263. ISSN 1984-6487
02	Idem 05 termo de busca TRAVESTI
03	Idem 06 termo de busca TRAVESTI
04	Franco, Talita et al. Transgenitalização masculino / feminino: experiência do Hospital Universitário da UFRJ. <i>Rev. Col. Bras. Cir.</i> , Dez 2010, vol.37, no.6, p.426-434. ISSN 0100-6991
05	Barboza, Heloisa Helena. Proteção da autonomia reprodutiva dos transexuais. <i>Rev. Estud. Fem.</i> , Ago 2012, vol.20, no.2, p.549-558. ISSN 0104-026X
06	Castel, Pierre-Henri. Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do "fenômeno transexual" (1910-1995). <i>Rev. bras. Hist.</i> , 2001, vol.21, no.41, p.77-111. ISSN 0102-0188
07	Áran, Márcia, Zaidhaft, Sérgio and Murta, Daniela Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva. <i>Psicol. Soc.</i> , Abr 2008, vol.20, no.1, p.70-79. ISSN 0102-7182
08	Ventura, Miriam and Schramm, Fermin Roland Limites e possibilidades do exercício da autonomia nas práticas terapêuticas de modificação corporal e alteração da identidade sexual. <i>Physis</i> , 2009, vol.19, no.1, p.65-93. ISSN 0103-7331
09	Arán, Márcia and Murta, Daniela Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde. <i>Physis</i> , 2009, vol.19, no.1, p.15-41. ISSN 0103-7331
10	Santos, Ana Cristina. Sexualidades politizadas: ativismo nas áreas da AIDS e da orientação sexual em Portugal. <i>Cad. Saúde Pública</i> , Jun 2002, vol.18, no.3, p.595-611. ISSN 0102-311X
11	Idem 16 termo de busca TRAVESTI

Termo de busca: **Transsexual**

Resultados → 16

01	Arán, Márcia. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero . <i>Ágora (Rio J.)</i> , Jun 2006, vol.9, no.1, p.49-63. ISSN 1516-1498.
02	Idem 02 termo de busca TRAVESTIS
03	Idem 03 termo de busca TRANSEXUAL
04	Idem 04 termo de busca TRANSEXUAL
05	Idem 13 termo de busca TRAVESTIS
06	Idem 05 termo de busca TRANSEXUAL
07	Almeida, Guilherme. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades? . <i>Rev. Estud. Fem.</i> , Ago 2012, vol.20, no.2, p.513-523. ISSN 0104-026X
08	Teixeira, Flavia do Bonsucesso. Histórias que não têm era uma vez: as (in)certezas da transexualidade . <i>Rev. Estud. Fem.</i> , Ago 2012, vol.20, no.2, p.501-512. ISSN 0104-026X
09	Inglês
10	Idem 06 termo de busca TRANSEXUAL
11	Butler, Judith. Desdiagnosticando o gênero . Translated by André Rios. <i>Physis</i> , 2009, vol.19, no.1, p.95-126. ISSN 0103-7331.
12	Idem 08 termo de busca TRANSEXUAL
13	Idem 09 termo de busca TRANSEXUAL
14	Sampaio, Liliana Lopes Pedral and Coelho, Maria Thereza Ávila Dantas Transexualidade: aspectos psicológicos e novas demandas ao setor saúde . <i>Interface (Botucatu)</i> , Set 2012, vol.16, no.42, p.637-649. ISSN 1414-3283.
15	Idem 36 termo de busca TRAVESTIS
16	Idem 10 termo de busca TRANSEXUAL

Termo de busca: **Transexuais**

Resultados → 32

01	Idem 02 termo de busca TRAVESTIS
02	Oliveira, Marcos de Jesus. Confissões da carne: uma experiência clínica de atendimento psicoterapêutico a transexuais. <i>Soc. estado.</i> , Abr 2013, vol.28, no.1, p.186-186. ISSN 0102-6992
03	Idem 03 termo de busca TRAVESTIS
04	Idem 05 termo de busca TRAVESTI
05	Idem 03 termo de busca TRANSEXUAL
06	Idem 10 termo de busca TRAVESTIS
07	Idem 12 termo de busca TRAVESTIS
08	Mello, Daniel Francisco et al. Complicações locais após a injeção de silicone líquido industrial: série de casos. <i>Rev. Col. Bras. Cir.</i> , Fev 2013, vol.40, no.1, p.37-43. ISSN 0100-6991
09	Idem 04 termo de busca TRANSEXUAL
10	Idem 05 termo de busca TRANSSEXUAL
11	Idem 18 termo de busca TRAVESTIS
12	Idem 05 termo de busca TRANSEXUAL
13	Idem 07 termo de busca TRANSSEXUAL
14	Idem 08 termo de busca TRANSSEXUAL
15	Franco, Neil. Pessoas (transexuais): dimensões sociais de vidas (in)determinadas pela ciência. <i>Rev. Estud. Fem.</i> , Ago 2011, vol.19, no.2, p.631-633. ISSN 0104-026X
16	Idem 22 termo de busca TRAVESTIS
17	Inglês
18	Idem 28 termo de busca TRAVESTIS
19	Idem 30 termo de busca TRAVESTIS
20	Idem 07 termo de busca TRANSEXUAL
21	Idem 08 termo de busca TRANSEXUAL
22	Idem 33 termo de busca TRAVESTIS
23	Idem 09 termo de busca TRANSEXUAL
24	Soares, Milene et al. O apoio da rede social a transexuais femininas. <i>Paidéia (Ribeirão Preto)</i> , Abr 2011, vol.21, no.48, p.83-92. ISSN 0103-863X
25	Idem 14 termo de busca TRANSSEXUAL
26	Idem 36 termo de busca TRAVESTIS
27	Idem 37 termo de busca TRAVESTIS
28	Idem 39 termo de busca TRAVESTIS
29	Idem 42 termo de busca TRAVESTIS
30	Arán, Márcia, Murta, Daniela and Lionço, Tatiana Transexualidade e saúde pública no Brasil. <i>Ciênc. saúde coletiva</i> , Ago 2009, vol.14, no.4, p.1141-1149. ISSN 1413-8123
31	Idem 44 termo de busca TRAVESTIS
32	Saldanha, P. H. and Olazábal, Luiza Campos Valor do estudo citogenético no transexualismo. <i>Arq. Neuro-Psiquiatr.</i> , Set 1976, vol.34, no.3, p.251-257. ISSN 0004-282X

Termo de busca: **Transsexuais**

Resultados → **0**